PRÊMIO **rio** de

letras

Firjan SESI

Valorizar **novos talentos**
é manter a **literatura viva.**

Textos Premiados

Contos, Crônicas e Poesias de autoria dos Alunos das Escolas Firjan SESI e da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro

PRÊMIO rio de letras
Firjan SESI

PRÊMIO rio de letras
Firjan SESI

Valorizar **novos talentos**
é manter a **literatura viva.**

RIO DE JANEIRO | 2024

Ficha Catalográfica - Elaboração: Cássia Curi - CRB-7ª Região - 6100

S454p

Prêmio Rio de Letras: valorizar novos talentos é manter a literatura viva / Serviço Social da Indústria – SESI RJ e Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC RJ. Rio de Janeiro: [s.n], 2024.

152p.

Textos de autoria dos alunos das escolas Firjan SESI e da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro avaliados pela Academia Brasileira de Letras - ABL

1. Contos 2. Poesias 3. Crônicas I. Concurso Literário. II. Premiação III.Título.

CDD 869.8992

Copyright © 2024 – Todos os direitos desta edição reservados à Firjan SESI

Presidente
Luiz Césio Caetano

Diretor de Educação e Cultura
Vinicius Carvalho Cardoso

Consultora de Educação e Cultura
Andréa Marinho

Assessora de Educação e Cultura
Regina Helena Malta do Nascimento

Gerente de Educação Básica
Vinicius do Nascimento Silva Mano

Coordenador DICEB
Fábio Rodrigues da Silva

Coordenadora DIPEB
Ana Cláudia Medeiros

Analistas de Linguagens
Sarah de Araujo Alves e Yonara Jurema Andrade Costa

Gerência de Cultura e Arte
Antenor José de Oliveira Neto

Consultora de Cultura e Arte
Olga Ofélia Acosta Darias

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Presidente

Merval Pereira

Secretário-geral

Antonio Carlos Secchin

Curadoria

Seleção de contos:

Godofredo de Oliveira Neto

Rosiska Darcy de Oliveira

Antônio Torres

Seleção de poesia:

Geraldo Carneiro

Antonio Cícero

Seleção de crônicas:

Domicio Proença

Ruy Castro

Arnaldo Niskier

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Governador

Claudio Castro

Secretária de Estado de Educação

Roberta Barreto de Oliveira

Subsecretário Executivo

Windson Maciel

Subsecretária de Planejamento e Ações Estratégicas

Myrian Medeiros da Silva

Subsecretária de Gestão de Ensino

Joilza Rangel

Subsecretário Administrativo

David Marinho

Chefe de Gabinete

Alvim Bellis

Sumário

Prefácio 11

Introdução 13

CONTOS *16*

Firjan SESI 19

1º ano do Ensino Médio 19

O entardecer 19

Diverso 23

Reino das culturas 26

2º ano do Ensino Médio 28

Pontos 28

O mundo é meu 32

Forte engano 35

3º ano do Ensino Médio 39

O artista invisível 39

A pequena Lis 42

Linda e Emmy 45

SEEDUC 48

1º ano do Ensino Médio 48

Resposta 48

As marcas da beleza 52

Menininha 55

2º ano do Ensino Médio 57

“Sem título” 57

Fobias de passagem 60

A voz de Julia ____ 63

3º ano do Ensino Médio ____ 66

Um encontro inesperado ____ 66

A beleza da Diversidade ____ 69

Vibrações ____ 72

POESIA* ____ *75

Firjan SESI ____ 78

1º ano do Ensino Médio ____ 78

A singularidade da pele ____ 78

Extinção ____ 80

Mais uma família normal... ____ 82

2º ano do Ensino Médio ____ 84

Ecos do infinito ____ 84

Ecos de uma cor: dor e resistência ____ 86

Em cada rosto, uma trajetória, um caminho ____ 87

3º ano do Ensino Médio ____ 89

Girassol Branco ____ 89

SER ____ 91

Visão Indígena ____ 93

SEEDUC ____ 94

1º ano do Ensino Médio ____ 94

Tristezas crescentes ____ 94

Soneto de diversidade ____ 96

Vozes da Esperança ____ 97

2º ano do Ensino Médio ____ 98

Vidas Entrelaçadas ____ 98

No mar da vida ____ 100

Nossas diferenças ____ 101

3º ano do Ensino Médio ____ 103

A diversidade no Reino Mágico ____ 103

Detalhe ____ 104
Mosaico de Vidas ____ 105

CRÔNICA ____ ***106***

FIRJAN SESI ____ **109**

1º ano do Ensino Médio ____ **109**
Um encontro na livraria ____ 109
Lentes da diversidade: capturando o amor e a inclusão ____ 112
Mundos (im)possíveis ____ 115

2º ano do Ensino Médio ____ **117**
Esta é a história de um pijama ____ 117
Vislumbre do futuro ideal ____ 119
Acqua ____ 122

3º ano do Ensino Médio ____ **124**
Chamada perdida ____ 124
Além das Aparências ____ 128
Vítimas das sombras ____ 131

SEEDUC ____ **133**

1º ano do Ensino Médio ____ **133**
Café com diversidade ____ 133
Diversidade de Gênero ____ 136
Negritude ____ 138

2º ano do Ensino Médio ____ **139**
Letargia e inclusão ____ 139
Sob os plátanos do parque ____ 141
Crônica ____ 144

3º ano do Ensino Médio ____ **146**
“Quantos dedos têm aqui?” ____ 146
Gestos que falam ____ 149
Realidade? ____ 151

Prefácio

LER, ESCREVER, VIVER

Ziraldo, o grande designer brasileiro, disse, entusiasmado, que era seu estado permanente: “Ler é mais importante do que estudar”. Certamente não estava sugerindo que não devêssemos estudar, mas afirmando que uma maneira eficaz de estudar é ler um bom livro. Lendo, aprende-se a escrever bem. Lendo, dá-se asas à imaginação. Lendo, cresce-se na vida. Por isso, a Academia Brasileira de Letras, com muita satisfação, associou-se à FIRJAN/SESI no projeto que resultou neste primeiro Prêmio Rio de Letras.

Centenas de estudantes da rede pública estadual e do SESI participaram do Concurso, em suas três modalidades – conto, crônica, poesia -, e aqui se reúnem os 54 trabalhos mais bem avaliados pelas Comissões Julgadoras, compostas por 9 Acadêmicos. Três deles ministraram aulas magnas, em vídeo, com preciosos comentários e sugestões para os alunos interessados em conhecer mais profundamente as características desses três gêneros literários. Os que participaram do concurso, certamente leram muito, e continuarão lendo por toda a vida, para continuar escrevendo cada vez melhor.

Hoje, dia 12 de novembro, é dia de festa, com a entrega dos prêmios aos vencedores nas três categorias, e o lançamento deste livro, com o conjunto dos textos selecionados. O tema geral do Concurso foi *Diversidade*, aqui desenvolvido, como irão ler, sob as mais diversas perspectivas: pluralidade na diversidade. À Diretoria da FIRJAN e ao SESI, à Secretaria Estadual de Educação, aos professores e aos alunos envolvidos no processo, nossos parabéns, pelo reconhecimento de um belo trabalho, a que todos se dedicaram com tanto empenho e entusiasmo.

Nossos votos de que este seja o primeiro de muitos outros Prêmios. Quem sabe, entre os talentos aqui revelados, algum ou alguns deles, no futuro, não venham a se tornar imortais na Casa de Machado de Assis?

Merval Pereira

Presidente da Academia Brasileira de Letras

Introdução

Convidamos você a navegar por esse rio de letras, uma jornada literária que celebra a escrita por meio de contos, crônicas e poesia.

As autoras e os autores selecionados para esta premiação são alunos do Ensino Médio das Escolas Firjan Sesi e de Escolas Estaduais do Estado do Rio de Janeiro, que apresentam um mosaico de histórias de diversidade que nos unem em nossa humanidade compartilhada.

Aqui, você encontrará vozes que ecoam as nossas próprias experiências, vividas ou inventadas. Por isso, todas refletem questões dos nossos dias, que os estudantes escolheram para transformar em literatura.

A construção do Prêmio Rio de Letras parte da necessidade de incentivar a leitura, pois antes de ser escritor, é preciso ser leitor.

A leitura contribui não apenas para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como vocabulário e compreensão textual, mas também para a formação de cidadãos capazes de analisar criticamente as informações e tomar decisões conscientes em um

mundo cada vez mais complexo. Assim, no atual contexto marcado pela disseminação de notícias falsas e pela infodemia, a leitura se torna uma ferramenta essencial para combater a desinformação e fortalecer a democracia.

Através da leitura, entramos em contato com diversas culturas, perspectivas e experiências de vida, o que enriquece nosso olhar sobre o mundo e promove a valorização da diversidade. Em uma sociedade cada vez mais interconectada, a leitura se torna uma ferramenta essencial para construir pontes entre diferentes culturas e promover a inclusão social.

Após o lançamento do edital do Prêmio Rio de Letras, a Academia Brasileira de Letras nos presenteou com aulas inspiradoras sobre conto, crônica e poesia, ministradas por grandes nomes da literatura brasileira: Ana Maria Machado, Ruy Castro e Antonio Carlos Secchin. Essas aulas, acessíveis por QR Codes no YouTube, proporcionaram aos participantes uma imersão nos fundamentos de cada gênero e ofereceram ferramentas para explorar a diversidade, tema central do concurso de 2024. Com o objetivo de estimular a criatividade e a originalidade, os renomados escritores convidaram os participantes a ultrapassar os limites do lugar-comum e a construir textos que reflitam a riqueza e a complexidade da nossa sociedade.

Ao incentivar a produção de textos que abordaram o tema da diversidade, os participantes tiveram a oportunidade de desenvolver habilidades, como pesquisa, análise e argumentação, essenciais para a construção de uma sociedade democrática. Além

disso, a participação no concurso pode ser um marco importante na trajetória literária dos participantes, ao incentivá-los a seguir desenvolvendo seus talentos.

Boa leitura!

Firjan SESI

CONTOS

Os contos, enquanto parte do gênero narrativo, são uma forma de contar histórias. No ato de contar, mergulha-se em uma sequência de eventos que capturam a atenção do leitor e conduzem-no a um percurso de experimentação de sensações distintas. Mesmo na brevidade de sua forma, essas narrativas têm a capacidade de tocar.

Além de se tentar ao menos classificar essa prática literária, é fundamental reconhecer que, na sua agilidade, um conto pode surpreender com desfechos inesperados. Por vezes, essas resoluções surgem de maneira abrupta, desafiando as expectativas do leitor; em outras situações, apresentam-se com um toque de fatalidade que ressoa na mente após o momento de leitura. Essa capacidade de surpreender e provocar reflexão torna os contos uma forma impactante de explorar a complexidade da vida e das emoções humanas, revelando verdades que muitas vezes permanecem ocultas em narrativas mais longas.

Essas pequenas histórias trazem consigo a herança das narrativas orais, o que talvez explique a sua habilidade de se expressar com nuances e variações em cada palavra. Ana Maria Machado nos lembra que contar um conto não precisa necessariamente estar atrelado a uma moral; trata-se, acima de tudo, de compartilhar experiências, de dividir surpresas e momentos que aproximam os seres. Assim, como em suas origens, os contos habitam o espaço do coletivo, onde a troca de histórias se torna um encantamento.

No universo dos contos, cada palavra é escolhida com cuidado, como se carregasse um peso simbólico, e cada silêncio tem seu próprio significado. O encantamento reside na capacidade de, em poucas linhas, evocar cenários vividos e personagens reconhecíveis, que dançam entre o real e o imaginário. Logo, esses fragmentos de narrativa não apenas entretêm; eles também nos convidam a refletir sobre a condição humana, a fragilidade dos momentos e a beleza das conexões que estabelecemos.

Dessa forma, Ana Maria Machado – imortal da Academia Brasileira de Letras – elaborou uma aula aprofundada e envolvente, na qual discorre sobre os contos, destacando suas características e peculiaridades que tornam esse gênero tão cativante para os leitores apaixonados por narrativas.

Firjan SESI
1º ano do Ensino Médio

Nome: Vitória Oliveira de Medeiros
Professora orientadora: Ana Viceli
Escola Firjan SESI Maracanã

O entardecer

Era tarde, quase noitinha, quando decidiu fugir um pouco da agitação cotidiana e buscar um momento de paz na praça próxima de casa. Sentada no banco de madeira desgastado pelo tempo, ela se entregava à leitura de uma dessas revistas femininas que prometiam escapismo e conselhos práticos para o dia a dia. Entre dicas de beleza e relatos de vida, ela se deixava envolver por um universo que parecia distante da realidade crua de fora.

Enquanto folheava as páginas amareladas, um sentimento difuso de ser observada começou a se insinuar em sua consciência. No entanto, imersa na narrativa das histórias impressas, ela não percebeu imediatamente a presença que se aproximava silenciosamente. Era um cachorro vira-lata, um sobrevivente das ruas, cuja presença passava despercebida pela maioria, mas que ali, naquela noite serena, encontrou um instante de sossego ao lado dela.

O animal, magro e cansado, parecia ter desistido de latir para um mundo que raramente respondia com algo além de indiferença. Em vez disso, ele se acomodou com uma naturalidade tocante ao lado da mulher, como se reconhecesse naquele momento de quietude um refúgio temporário contra as agruras do dia a dia. Enquanto ela deslizava os dedos pelas páginas, ele observava atentamente cada movimento, como se esperasse encontrar ali algo que há muito tempo não experimentava: um gesto de afeto despretensioso.

Naquele encontro improvável entre a leitora solitária e o cachorro desamparado, um vínculo silencioso se formou, rompendo as barreiras invisíveis que muitas vezes nos separam uns dos outros. A mulher, envolta na sua própria bolha de privacidade urbana, encontrou-se repentinamente conectada a um ser que, apesar de todas as adversidades, ainda ansiava por um simples ato de carinho humano.

Enquanto as horas avançavam lentamente, a praça mergulhava na mansidão da noite. Os murmúrios distantes dos carros e os passos esporádicos dos pedestres apenas sublinhavam a solidão compartilhada entre os dois seres. Para ela, acostumada à superficialidade das interações digitais e à rapidez da vida urbana, aquele momento era uma pausa bem-vinda, um lembrete de que, por trás das fachadas que todos nós apresentamos ao mundo, há uma necessidade humana fundamental de conexão genuína.

O cachorro, por sua vez, parecia absorver cada pequeno detalhe do encontro como se estivesse gravando em sua memória um raro instante de calor humano. Seus olhos, apesar de cansados, brilhavam com uma esperança frágil, como se aquele breve momento ao lado da mulher fosse uma pequena luz no labirinto escuro de sua existência nas ruas.

Enquanto a noite se desenrolava com sua calma monótona, a mulher começou a sentir uma mistura de compaixão e tristeza ao olhar para o cachorro ao seu lado. Sabia que a manhã traria consigo a inevitável separação, mas, naquele instante fugaz, ela decidiu se permitir mergulhar na conexão efêmera que compartilhavam. Na simplicidade do momento, encontrou uma beleza inesperada, um lembrete de que, mesmo nas circunstâncias mais humildes, podemos encontrar significado e valor.

E, assim, enquanto a cidade adormecida ao redor deles, continuava sua dança noturna de luzes e sombras, a mulher e o cachorro vira-lata compartilhavam um silêncio sereno que dizia mais do que palavras jamais poderiam expressar. Ali, naquele banco de praça gasto e esquecido pelo tempo, eles buscavam companhia em um mundo que muitas vezes parece indiferente às suas necessidades mais básicas.

À medida que as estrelas se desvaneciam lentamente no céu matinal, a mulher sentiu uma gratidão tranquila por ter experimentado aquele breve encontro. Sabia que, embora suas vidas seguissem caminhos diferentes, a partir dali aquele momento de ternura compartilhada deixaria uma marca indelével em sua

memória. Era um lembrete poderoso de que, por mais solitária que possa parecer a jornada humana, sempre há espaço para gestos simples de compaixão e conexão genuína, mesmo nas interseções mais improváveis da vida.

Nome: Mariana Marques de Lima Teles
Professora orientadora: Natasha Marques
Escola Firjan SESI Nova Iguaçu

Diverso

Havia uma palavra ainda não formada, pois suas letras não entravam em acordo e fugiam umas das outras.

Chegou uma letra "D", e logo se estabeleceu no início. Era tímida e insegura, por ser barriguda.

Apareceu uma letra "I", que estava cheia de vergonha, pois seu corpo era magrelo e suas pernas bem fininhas.

Surgiu também uma letra "V". Essa era difícil de decifrar, porque tinha dois lados. Cada um, que a avistava, enxergava uma das faces. Era como se fossem duas letras em uma!

Uma letra "E" se juntou às outras. Chegou cabisbaixa e deprimida, pois muitas vezes era trocada pela letra "I" e se sentia substituível.

A letra "R" se aproximou com um olhar bem angustiado. Reclamava o tempo inteiro dizendo: "As pessoas têm dificuldade de pronunciar o meu som, além disso, dependendo da minha posição, tenho funções diferentes. Quem sou eu afinal?"

O "S", já chegou se rastejando pelo chão. Dizia que estava vivendo conforme sua comparação. "Pareço uma cobra, então

assim devo agir! Quando me ensinam às crianças, é o que dizem de mim".

A última letra a chegar foi a letra "O", que já não sabia se era letra, número zero, círculo, bola... e já estava cheia disso, literalmente.

Eram todas letras do mesmo alfabeto, mas evitavam se aproximar umas das outras, não pelo que poderiam pensar, mas pelo que elas mesmas pensavam de si. Enxergavam apenas os seus defeitos e ouviam apenas as críticas, mas precisavam enxergar, também, suas qualidades!

Ei, letra “D”! Não deixe que o tamanho da sua barriga seja maior que o tamanho da sua dedicação!

Ouça, letra “I”: O seu corpo não importa! Não olhe para o que se vê por fora, olhe dentro de si e veja o quanto você é indispensável!

Ah, letra “V” ... Ora feliz, ora triste; ora agitada, ora tranquila; ora irritada, ora calminha. Independentemente de como esteja, seja verdadeira, seja você.

Letra E, me escute, querida: Ninguém vai te substituir, porque você é única! Você só precisa lembrar o quão encantadora você é.

Letra “R”, será que as pessoas que têm dificuldade em te pronunciar ou você que é complicada de ser pronunciada? Pare de se lamentar e não seja tão raivosa e reclamona! Em vez disso, tente ser risonha!

Oh, letra “S”, não deixe que a descrição que as pessoas te dão seja real! Talvez, você não perceba, mas é sensacional e tão simpática!

Agora, digo a você letra “O”: Se te confundem com tantas coisas, deve ser porque você é referência! Existe letra mais original? Você é ótima do seu jeitinho redondo!

Enxergando as qualidades umas das outras, conseguiram vencer seus bloqueios e se juntaram para formar “DIVERSO”, uma das palavras mais bonitas, pois é assim que o mundo deve ser!

Cada letra tem seu som, seu formato e seu lugar, o importante é vencer as diferenças e formar novas palavras. Afinal, com palavras se formam os livros, com livros se forma o mundo, e o mundo é bem mais bonito assim: diverso.

Nome: Miguel Azevedo de Souza
Professora orientadora: Catharina Deister
Escola Firjan SESI Petrópolis

Reino das culturas

Em tempos remotos, quando o mundo ainda era jovem e as estrelas brilhavam com intensidade no céu noturno, existia um reino onde a diversidade cultural florescia como um jardim de cores e aromas exóticos. Nesse reino, habitavam diferentes povos, cada um trazendo consigo tradições, crenças e costumes únicos.

O rei desse lugar era sábio e justo, e sua rainha era conhecida por sua bondade e compaixão. Juntos, promoviam a harmonia entre os diversos grupos que viviam sob seu domínio, celebrando a riqueza da diversidade que os cercava.

Em uma noite estrelada, enquanto o vento sussurrava segredos antigos pelas ruas do reino, uma festa foi organizada para celebrar essa diversidade. Povos de todas as regiões se reuniram na praça central, trajando roupas coloridas e trazendo consigo costumes e comidas típicas de seus lugares de origem: os tambores africanos ecoavam ao ritmo das danças tribais; os aromas picantes da culinária indiana se misturavam com o perfume suave das flores japonesas; e os cantos melódicos dos celtas enchiam o ar de magia e encantamento.

Durante a festa, um velho sábio se aproximou do rei e da rainha carregando consigo um livro antigo cujas páginas eram feitas de folhas de árvores milenares. Contou-lhes a história da diversidade cultural do reino, desde os primórdios até os dias atuais, destacando a importância de preservarem as tradições e aprenderem uns com os outros.

O rei escutou atentamente as palavras do sábio e, com um gesto solene, decidiu criar um dia especial no calendário do reino dedicado à celebração da diversidade cultural. Nesse dia, todos os povos seriam convidados a compartilhar suas artes, músicas e culinárias tradicionais em um grande festival que uniria corações e mentes em prol da harmonia e do respeito mútuo.

E, assim, ano após ano, o dia da diversidade cultural tornou-se uma tradição no reino, lembrando a todos que a verdadeira riqueza de uma sociedade reside em sua capacidade de acolher e valorizar as diferenças que a tornam única. E que, juntos, podemos construir um mundo onde a diversidade seja não só tolerada, mas celebrada como uma dádiva preciosa que enriquece nossas vidas e almas.

2º ano do Ensino Médio

Nome: Rafaella Silva Ferreira dos Santos
Professor orientador: Fernando Impagliazzo
Escola Firjan SESI Laranjeiras

Pontos

— O que está fazendo aqui, moleque?

— Estou voltando do trabalho, senhor.

— E cadê a carteira?

— Não assinaram, senhor.

— E cadê a identidade?

No ponto de ônibus, hesitando, o menino entregou a carteira às mãos grandes do policial. Só suas mãos seriam suficientes para fazer o esquálido menino desaparecer.

— 17 anos, moleque? — questionou. O áspero bigode do agente de segurança pública se movia. — São 3 da manhã. Você não deveria estar dormindo pra ir ao colégio?

— Trabalho à noite e estudo de manhã.

— Espero que você não esteja mentindo, moleque.

Sempre é assim: a gente está mentindo, assaltando. A volta para casa sempre é tenebrosa. A espera do 522 é longa e, muitas das vezes, perigosa. O cansaço faz a atenção se extinguir e a gente

relaxa sem poder relaxar. As coisas mais perigosas da madrugada são duas: ladrões e policiais. Lucas tem medo deles, talvez mais dos militares. Aqueles que, fardados, ostentam violência. Nas madrugadas, a primeira coisa que percebem é sua cor. A sua índole fica em segundo lugar, ou melhor, terceiro, quarto, quinto.

Foi assim com seu irmão, Raul. Primeiro o mataram e depois descobriram quem era. O velório ainda machuca. Os pneus ainda queimam. As lágrimas de sua mãe não cessaram e o peso de se tornar o filho mais velho o assombra. Lucas sabe: o policial que matou seu irmão está por aí. Talvez fosse aquele que o abordou ou estaria em qualquer outro canto matando alguém como ele.

O balanço do ônibus velho fez com que Lucas pouco se concentrasse nas folhas amassadas com fórmulas de matemática. Todas aquelas letras e números pareciam não ter sentido algum. O cansaço atrapalhava a concentração. O veículo passava lento pelas ruas da cidade. Do lado de fora, viu duas pessoas: uma delas era um policial; outra, um garoto. O cacetete ia de encontro às costas negras do rapaz.

Podia ser ele ali, seu irmão ou qualquer outro menino da idade dele. Aquele garoto podia se tornar o mesmo que seu irmão e isso o assustava.

* * *

Era por volta de 4h30min quando conseguiu pregar os olhos na cama. Às seis, acordou. Sua mãe estava tomando café. De uns tempos para cá, a mulher tinha mudado. O sorriso deu lugar às olheiras. O riso, ao choro. Ela não trabalhava mais desde que o

filho partiu. Não tinha forças pra fazer algo a não ser chorar. Lucas sustentava a casa. Seus bicos colocavam comida na mesa. Muitas vezes, pensou em desistir do estudo, mas Raul queria vê-lo levantando o canudo, pelo menos em espírito.

* * *

A sala só tinha quatro pessoas. Seu Benedito sentado na mesa com uma pilha de provas. Lucas não tinha estudado e o pouco que entendia sobre aquelas expressões algébricas eram lembranças rasas da aula. Ele não entendia aquela questão e não sabia o porquê x^2 não podia dar 23. Enquanto pensava, começou a observar Valentina. Ela provavelmente não tinha estudado, mas não porque não pode e sim porque não quis. O pouco que já tinha conversado com ela percebeu que a garota não se interessava por nada. Achava que o pai um dia já foi rico e voltaria a ter dinheiro. Lucas gostava dela mesmo que não fosse correspondido. Para ela, ele não passava do garoto pobretão com quem trocava carícias.

Em meio à imensidão de x's e y's, no outro lado da sala, estava Vitor, seu melhor amigo. Ele sabia fazer aquela questão e pelo menos todas que se seguiam. No entanto, Lucas estava fragmentado. Além de preto, era bissexual. O que menos precisava era começar a sentir algo pelo amigo, mas uma coisa que nem os ricos controlam é o coração. Valentina era inesquecível. Seus beijos, e tudo que lembrava ela, eram bons. Pobre garoto. Valentina não o queria. Já estava em outra. Para Vitor, aquilo machucava: ver seu melhor amigo se entregar a alguém que não lhe dava a mínima.

Conseguiu resolver duas questões. O resto chutou, usando uma lógica que só ele entendia. A vida não tinha lógica. Seus olhos foram de encontro ao sorriso cansado de seu Benedito. O professor confiava nele. Lucas precisava de cinco pontos. Lucas precisava sobreviver ao ponto de ônibus.

Nome: Gabriely Pires
Professor orientador: Yuri Nikolai
Escola Firjan SESI Jacarepaguá

O mundo é meu

O sonho de toda a minha vida sempre foi ser como gente chique: possuir o direito da escrita. Atualmente, à beira dos meus 70 anos, leio com dificuldade as letras que por pouco não desconheço. E registro histórias repletas de belezas como as ruas do cerrado brasileiro que ilustram o mundo diante de mim, lembrando-me de quando eu, já velha, conheci Brasília. Mas essa história brasiliense não importa e sim o meu outro sonho desde criança: ser gente estruturada.

Lembro-me como se fosse ontem de minha infância e adolescência perdidas. Lembro-me de memórias da roça, de quando eu ainda era menina.

— Outra vez prostrando os olhos em nada, garota? — perguntou o meu pai, que plantava café de forma habitual.

— Perdão, já estou indo.

Mais uma vez me deparei com a triste realidade em meus olhos. Eu não tinha o direito de sonhar. Aos 14 anos, já não possuía muitas chances. Dedicada, com afinco, a não ser um peso, ocupei-me de tarefas e ajudei a minha família. Trabalhei até as minhas mãos não aguentarem mais e os meus calos aumentarem de tanta dor, até as minhas pernas bambearem. Mas era sexta, dia de gente

trabalhadora ser feliz. O dinheiro poderia ser escasso, mas a nossa alma era constituída de deveres que os nossos antepassados nos designaram: ser feliz e lutar até o último instante.

Andamos incansavelmente, até chegarmos à festa. Era o meu momento de brilhar. Peguei a saia e rodei. Os átomos do tempo me envolveram e naquele instante eu era tudo. Eu tinha o direito de possuir o mundo, de ser feliz, de amar e ser amada. Eu possuía, naquele instante, o direito sobre todas as partículas temporais e vivazes, sobre todas as nuances intrincadas da vida. Rodopiei e senti o vento em meus cabelos: liberdade fugaz e momentânea.

Quando voltamos, já era tarde e não conseguimos enxergar nada no caminho. O céu estava coberto por um véu que não poderia ser iluminado por nada, simplesmente nada. Nunca houve lâmpadas naquelas estradas, assim como em nossas vidas. Dormi, mas antes escovei os meus dentes com carvão e sal: eu era pobre, não suja, tinha que me higienizar. Ainda não era sábado – dia de banho – e não possuíamos água o suficiente nos outros dias da semana. Tratei de me vestir novamente com a minha roupa feita de pano por minha mãe durante a infância. Veste fina, que permitia que o frio me abraçasse, dando boa noite e beijando-me silenciosamente.

* * *

Mais um dia de plantação começou. Estive pensativa. Sei que a escravidão se fez presente aqui em São José do Vale do Rio Preto por anos. Já é 1968, não somos mais escravizados,

alcançamos a nossa liberdade há muito tempo. Mas por que o nosso povo ainda tem que lutar de forma tão árdua sem possuir as mesmas oportunidades de estudo? Eu plantei e colhi durante toda a minha infância e somente agora me deparei com o seguinte fato: semeei café, chuchu, tomate, quiabo…, no entanto, se alguém me ajudasse a semear a semente do conhecimento eu estaria feita.

Eu era vibrante de alma, dançava até o dia raiar quando podia e tinha uma disposição que se edificava além dos prédios que eu nunca havia visto durante toda a minha vida. A alvorada poderia não nascer muito cedo para mim, visto que em meu campo de visão eu enxergava a noite e o caminho ofuscado, mas ela chegaria. Eu acharia o meu caminho e, em breve, algo que mudaria a minha vida: a minha filha, os meus netos, o fio de esperança no futuro. E eles me lembrariam: “a alvorada, quando chega iluminando os meus caminhos tão sem vida”.

Eu vou embora! Para a cidade, terra esperançosa onde a plantação não é cultivada e a terra não é tão fértil. Mas é dura! Possui uma base sólida para eu construir o caminho que eu puder e ser quem eu quiser. Para aprender as 26 letras do alfabeto e, acima de tudo, fazer com que os meus filhos tenham o direito da liberdade e o da caneta. Assim, peguei o ônibus: com 14 anos. Simplesmente 14 anos. Eu atravessei o Rio de Janeiro como se nada me abalasse. Senti o vento, cheirei a terra molhada e disse: — o mundo é meu.

Nome: Thaissa Moraes Gouvea
Professora orientadora: Priscilla Aquino
Escola Firjan SESI Maracanã

Forte engano

Eu imaginava que isso fosse acontecer. Enquanto minha filha e eu almoçávamos felizes, ouvi um estrondo na porta. Assustado, gritei para que ela se escondesse no quarto. Dois policiais invadiram minha casa e me pegaram pelos braços. Quando perguntei o que havia acontecido, eles mal disfarçaram um sorriso de escárnio ao informar que meu amigo e chefe, Sebastian, havia sido assassinado, e eu era o principal suspeito. Na delegacia, assinaram meu nome, Ahmed Al-Sayed, num pedaço de papel. Não consegui ler o conteúdo, mas o título era evidente: Boletim de Ocorrência.

Sebastian foi encontrado morto a facadas em seu escritório, e os principais suspeitos eram aqueles que tiveram acesso ao local no dia do crime, incluindo eu e mais um homem. Fui interrogado.

— Por que eu faria isso? Ele me deu um emprego quando todos viraram as costas para mim! Tenho gratidão!

— Você que deveria nos responder. Ouvi dizer que seu tipo gosta de trair os outros pelas costas.

— O que está insinuando?

— Apenas falando a verdade, Ahmed. Pessoas como você só causam problemas. Você e sua família deveriam voltar para onde vieram! — respondeu, sorrindo maliciosamente.

Minha fúria explodiu e soquei a cara dele. Porém, não demorou muito para eu perceber a armadilha em que caí: eles me atiçaram de propósito. Senti um soco bem dado na barriga e inúmeros chutes em cada parte do meu corpo. Os golpes foram tantos que tudo virou um borrão. Mas vi os sorrisos sádicos em seus rostos, como se aquela fosse a fantasia que eles tanto ansiavam.

Fui jogado numa cela temporária, acusado de atacar os policiais sem motivo. Suspirei e olhei para fora; os mesmos policiais conversavam amigavelmente com o outro suspeito, Edmund Fletcher, o cozinheiro inglês de Sebastian. Eles o tratavam como um amigo, provavelmente até serviram chá para ele. Deitei no colchão encardido e dei mais um longo suspiro. Amanhã será um péssimo dia.

Meu advogado público, Pedro Machado, chegou no dia seguinte. Ele se apresentou e explicou a enrascada em que eu estava. Mesmo sem provas, o delegado estava convicto de que eu era o culpado, ainda mais pela violência cometida contra o policial.

— Então, o que posso fazer?

— Você sabe onde podemos achar algo importante do seu chefe? Alguma pista?

— Ele sempre guardava documentos numa mesa principal. Talvez tenha algo lá.

— Boa, Ahmed! Vamos pro escritório do seu chefe!

Pedro conseguiu minha liberdade provisória com o juiz de plantão e me arrastou para fora da cela. Tentava me animar, dizendo que acreditava na minha inocência. Entramos no carro e seguimos para a Sede Debeste, a empresa de Sebastian e local do crime. Cada minuto no carro parecia uma eternidade. O silêncio só era quebrado pelo ronco do motor.

Com insistência, conseguimos entrar no escritório usando o meu cartão. O cheiro da carniça ainda impregnava nossas narinas. Pedro não perdeu tempo e logo abriu o compartimento da mesa principal.

— Achei! — exclamou Pedro, puxando uma carta.

"Prezado Sr. Edmund Fletcher, é com pesar que informo que sua posição como Cozinheiro na Sede Debeste será encerrada..."

— Essa é a chave, Ahmed! Se provarmos que Edmund matou Sebastian por conta da demissão, você será um homem livre!

Pedro parecia triunfante, mas eu não.

O dia do tribunal chegou. Mesmo com a nossa recente descoberta, o caso ainda era incerto. Entramos no Fórum. Olhei cabisbaixo para minhas mãos, avermelhadas e algemadas. Estava começando a me acostumar com aquela visão.

Inúmeros *flashes* cegaram minha visão. Uma horda de jornalistas fez tantas perguntas que eu mal conseguia processá-

las. Abaixei a cabeça, constrangido. Espero que minha filha não esteja vendo TV.

— Chegamos… Você acha que consegue falar? — Pedro perguntou. Olhei para ele confuso.

— Eu tenho que conseguir. Não tenho escolha.

Pedro assentiu e abriu as portas. Senti o ar gélido da sala. Notei todos lá dentro olhando para mim como se eu fosse um monstro. Edmund sorria sentado na bancada das testemunhas. A cadeira do réu estava vazia. A partir dali, não havia mais volta.

3º ano do Ensino Médio

Nome: Ana Clara Tomaz de Alencar
Professora orientadora: Samara Martins
Escola Firjan SESI Benfica

O artista invisível

João, desde muito novo, mostrava-se um artista talentoso, mas tinha uma característica que o destacava dos demais na multidão: nasceu cego. Embora ele nunca tenha visto este mundo com os próprios olhos, demonstrou um talento incrível para a escultura. Morando em uma cidade pequena, muitas pessoas duvidavam de suas habilidades: "Como que um cego quer virar artista?", cochichavam os adultos. E as crianças o evitavam.

Mas João nunca se deixou vencer pela dúvida ou pela crítica. Para ele, a arte é uma forma de expressar sentimentos e sensações sobre o mundo ao seu redor. Em um fatídico dia, Mariana, uma curadora de arte, visitou a cidade, e, ao entrar no pequeno ateliê de João, ficou encantada. Decidiu organizar uma exposição numa galeria na capital.

A notícia da exposição foi recebida com um misto de entusiasmo e desconfiança pela modesta cidade. Alguns ainda duvidavam, enquanto outros começaram a acreditar no talento inquestionável de João. Os dias que antecederam a exposição

foram de intensa preparação e nervosismo. João dedicou-se especialmente a uma escultura, representando a essência de sua mãe, figura central em sua vida e inspiração para sua arte.

No dia da abertura, a galeria estava lotada. Pessoas vinham de todos os lugares, curiosas para ver as obras do escultor cego. Momentos antes de João subir ao palco para falar sobre sua arte, ele foi informado que a escultura de sua mãe, a mais importante da exposição, tinha sido vandalizada. Um grupo de críticos céticos tentou desqualificar seu trabalho, afirmando que alguém cego não poderia ter criado tais peças. Eles atacaram não só sua arte, mas também sua dignidade e determinação.

Devastado, mas determinado, João subiu ao palco. Com o coração pesado, ele compartilhou a notícia com o público. Pediu um momento de silêncio, durante o qual usou suas mãos para sentir a escultura danificada. Com uma serenidade impressionante, ele começou a trabalhar ali mesmo, diante de todos, reconstruindo a peça. O salão estava em um silêncio sepulcral, quebrado apenas pelo som de suas ferramentas e do material sendo moldado.

Horas se passaram, e o público observava respeitoso. Logo, as lágrimas rolaram em muitos rostos, ao ver a dedicação e a habilidade de João. Após um trabalho intenso e comovente, João finalizou a escultura. Agora, ela parecia ainda mais expressiva e carregada de emoção do que antes. Ele então se dirigiu ao público:

— Minhas mãos são meus olhos — disse ele, com uma voz firme e carregada de sentimento.

— Cada escultura é uma janela para minha alma. Hoje, vocês viram não só a minha arte, mas também a minha resiliência. Não posso ver o mundo como vocês, mas posso senti-lo de uma maneira que vai além da visão.

A plateia irrompeu em aplausos, e mais lágrimas desceram de alguns olhos. A história de João surpreendeu o público, e ele se tornou uma inspiração global. Sua arte, renovada e fortalecida pelo desafio, demonstrou que a verdadeira visão não reside nos olhos, mas no coração e na alma.

A exposição foi um sucesso estrondoso. João se estabeleceu como um dos artistas mais importantes de sua geração, provando que as limitações são apenas barreiras a serem superadas. Ele ensinou ao mundo uma lição valiosa: a diversidade e as diferentes formas de percepção enriquecem nossa compreensão da vida e da arte. As dificuldades que enfrentamos não definem quem somos. Nossa capacidade de superá-las e transformar adversidades em beleza é o que realmente nos define. E, assim, João provou que a verdadeira arte é um reflexo da alma; uma expressão que transcende as limitações físicas e toca profundamente o espírito humano.

Nome: Isabella Azevedo Braga
Professora orientadora: Débora Godói Mariano
Escola Firjan SESI Macaé

A pequena Lis

Uma pequena menina de olhos amendoados escuros, e cabelos crespos ruivos emaranhados em um elástico grosso negro, atravessava os corredores apertados do colégio do bairro no qual morava há pouco tempo. Suas mãos estavam molhadas como se estivessem em contato direto com o mar e, por baixo de seus finos cabelos recém-crescidos na testa, havia dezenas, senão centenas, de gotas de suor que se mesclavam ao creme que utilizara para baixá-los.

Seu nervosismo era tanto que as suas pernas tremiam como se estivesse em cima de uma corda bamba nas alturas. Lis, como era chamada, tinha sido transferida de colégio há pouco tempo. Ao chegar no corredor da sala de aula, adentrou pela porta verde com um grande número nove no meio. Seus colegas de classe, ao notarem sua presença, olharam-na com surpresa. Ela era diferente do que imaginavam.

A menina caminhou até a carteira mais próxima e se sentou. Seus movimentos foram seguidos pelos olhares, ainda surpresos, dos então novos companheiros de turma. Inevitavelmente, o conjunto de burburinhos e indagações a respeito da nova aluna tomaram conta do ambiente. Comentavam

sobre seu cabelo alaranjado volumoso e suas sardas que marcavam toda a pele do rosto até as mãos.

A pequena Lis era vista como uma nova espécie dentro daquela sala. Enquanto o falatório dominava a atmosfera do local, Lis observou a turma com a qual passaria os próximos meses. Seus olhos percorriam o quadrado à procura de alguém que correspondesse ao pequeno sorriso que colocara no rosto a fim de passar uma boa impressão, e, quem sabe, conseguir puxar um assunto.

Todavia, sua tentativa em ser amigável e demonstrar interesse em conversar não provocou o resultado que queria, pois nenhuma das crianças que estavam naquela sala retribuíram o sorriso, ao contrário disso, desviavam sem graça os olhos e mudavam suas posições para que não fosse necessário retribuir o contato. Envergonhada pela falha tentativa de se enturmar, Lis abaixou a cabeça com as bochechas coradas, vermelhas, como se estivessem queimadas de sol.

Desejou que o tempo passasse bem rápido e a professora começasse logo a aula. Mas, enquanto esse pensamento passava pela mente, ouviu-se um alto som vindo da mesa dos professores. Era a professora: uma moça alta, esguia, de pele escura e com cabelos presos em um coque. O alto som foi revelado assim que mirou na grande régua vermelha em suas mãos. A professora iniciou o seu discurso dando boas-vindas aos alunos da classe, depois se dirigiu a Lis, chamando-a para ir à frente da turma.

A pequena, ainda envergonhada pelo que tinha ocorrido minutos atrás, levantou-se lentamente e foi até a frente. Nesse momento, todos estavam vidrados em Lis, por isso sua voz soava como se estivesse presa dentro de um pote de vidro fechado com muita pressão por uma tampa de lata, quase imperceptível para os que estavam sentados na última carteira. Foi por causa desse miúdo som produzido pela menina, que um dos alunos sentados perto da janela exclamou: — Óh céus! Alguém aumenta o volume dela! E, em seguida, uma menina, sentada mais atrás, completou dizendo: — Além de esquisita é muda também! E todas as quinze crianças distribuídas pelas carteiras de madeira amareladas começaram a rir.

As gargalhadas na sala dominaram todo o metro quadrado, porém não duraram muito tempo. Com um alto e rígido tom de voz, a professora repreendeu-os dizendo que aquela não era a forma correta de se receber um novo aluno na instituição e que todos os que estavam ali mereciam ser tratados com amor independente das diferenças. Os dois alunos, envergonhados pelo que disseram e pelo constrangimento que causaram, foram até ela pedir desculpas pela ofensa. Lis aceitou as desculpas dos seus colegas mesmo que ainda estivesse triste. No dia seguinte, a professora, então, iniciou a aula de uma forma diferente: pediu para que cada aluno elogiasse alguém e depois explicou sobre a importância de respeitar a diferença no mundo diverso onde vivemos.

Nome: Laura Melo Santos
Professora orientadora: Flávia Raposo Rodrigues
Escola Firjan SESI Friburgo

Linda e Emmy

Linda e Emmy, almas entrelaçadas pelo destino, descobriram um amor puro quando a vida já lhes dava cabelos prateados e peles marcadas pelo tempo. Cresceram juntas em um vilarejo onde cada passo era observado sob lentes de curiosidade e de repulsa.

Linda, de cabelos loiros escuros que caíam como cortinas douradas sobre os ombros e de olhos verdes que refletiam a esperança das manhãs de primavera, era a quietude em pessoa. Seu riso aparentava ser uma melodia rara, mas sincera. Emmy, com sua pele preta e cachos rebeldes cor de ébano, transcendia luz que não sabia se conter. Irradiava vida por onde passava, tal qual o sol que aquecia o espírito de Linda com raios de alegria inabaláveis.

Desde pequenas, compartilharam sonhos e segredos. Corriam pelos campos dourados de trigo, descalças, sentindo a liberdade que só a infância conhece. Em noites enluaradas, elas se encontravam às escondidas, prometendo uma à outra que, não importasse o que acontecesse, elas encontrariam o caminho de volta para os braços uma da outra. "Até nosso último sopro", sussurravam, e as estrelas testemunhavam o voto silencioso.

Juntas, elas compartilhavam um amor que era uma tapeçaria tecida com fios de sonhos e promessas silenciosas. Trocavam cartas secretas cheias de orações escorregadias e repletas de afeto. No entanto, as sombras dos olhares alheios as separavam, e suas mãos se desenlaçavam sob o peso dos julgamentos. E a vida as levou por caminhos distintos: Linda partiu para a cidade grande, deixando para trás uma carta que era uma janela para um futuro juntas. Emmy permaneceu na vida do campo, abandonada do seu amor, e aprisionada em um casamento sem paixão. As cartas trocadas carregavam saudades e palavras não ditas, mas o silêncio entre as linhas falava mais alto.

Em sua solidão na cidade grande, Linda sentia a saudade como um fio invisível que a puxava de volta aos dias que estiveram juntas. As ruas cinzentas e os prédios imponentes pareciam desbotados, como se a própria capital compartilhasse sua melancolia. As cores perderam a vivacidade: o verde das árvores era apenas um borrão, e o vermelho dos semáforos parecia desprovido de significado. Linda ansiava pelas manhãs de primavera no vilarejo - época em que as flores desabrochavam em um arco-íris de cores e os campos eram um convite para dançar.

Quando as cartas de Linda pararam de chegar, Emmy guardou suas esperanças como tesouros em um baú escondido no coração. Os anos passaram, deixando marcas de melancolia e lembranças. Até que um dia, Emmy encontrou as cartas antigas. Cada palavra era um eco do passado. Ao reencontrar a primeira carta que recebera, uma chama reacendeu em seu peito. "Vou

para a cidade", lia-se nas linhas tremidas pela emoção. “Preciso encontrá-la”, pensou, com o coração batendo forte.

Emmy embarcou em uma jornada que era tanto física quanto espiritual. O trem serpenteava pela paisagem como um rio buscando o mar, e cada estação era um passo mais perto do reencontro com sua amada. Ao chegar à cidade de prédios que quase tocavam o céu, Emmy procurou por Linda em cada rosto que passava. Ela sentiu o peso dos anos se desfazer como névoa ao sol. Apesar do cabelo grisalho e da pele não mais macia igual aos velhos tempos, sentia-se de volta à infância.

Finalmente, diante de uma porta azul desbotada, Emmy respirou fundo e bateu. Seu peito pulava em uma sinfonia de nervosismo e de euforia.

Quando Linda abriu a porta e seus olhos se encontraram, o tempo parou...

SEEDUC
1º ano do Ensino Médio

Nome: Jonathan Lopes Magalhaes de Oliveira
Professora orientadora: Teresa Cristina Andrade
Escola: Colégio Estadual Engenheiro Passos

Resposta

Em uma bela manhã de terça-feira, uma nova garota abria seus olhos para acordar. Não era uma bela manhã por ser terça, mas pelo lindo nascer do sol e a fina neblina que havia lá. A garota já estava pronta para ir à escola, com os sapatos postos, uma leve maquiagem e uma delicada ajeitada no cabelo.

Logo após terminar, ouviu alguém bater no portão. Era seu amigo Louis, que sempre ia junto com ela à escola nos dias da semana. A garota abriu o portão, pondo a bolsa nas costas, para sair de casa.

— Bom dia, Mary! — disse ele.

Naquele momento, seu peito se encheu com um imenso calor, a primeira sensação de ser chamada pelo nome social era indescritível, como se um peso fosse solto. Um sorriso se abria inconscientemente em seu avermelhado rosto.

— Bom dia, Louis! — respondeu Mary, com a voz alegre e contente, refletindo as emoções.

Louis sempre foi o tipo de amigo que a apoiava em tudo, e ela, o mesmo. Quando Mary se assumiu trans no dia de ontem, Louis fez questão de falar para todos os amigos e amigas de Mary para não confundirem os pronomes. Mary ficou grata, de certa forma, mesmo não sabendo bem como lhe agradecer.

O garoto a abraçou logo após sair de sua casa, já era um antigo ritual aquele singelo abraço. Mary sorriu de canto para ele, como um sinal de "Vamos?". Louis assentiu, já era diária aquela interação. Então caminharam os dois para a escola, brincando pelo caminho e debatendo algumas ideias:

— Mary, sua mãe não ficou brava quando você se assumiu pra ela? — perguntou Louis, quebrando um silêncio momentâneo que rondava a rua vazia.

— Bem, na verdade não — respondeu ela — Ela sempre foi muito tranquila com esse tipo de coisa e são minhas escolhas, sabe? — olhava para ele — Mas por que da pergunta?

— É que tem um problema... — falou ele, cabisbaixo.

— E o que seria?

— Meu pai... — falou, entre dentes. — Quando eu me assumi gay, eu quase fui expulso de casa por ele. E hoje em dia ele mal olha na minha cara.

— Entendi... — disse Mary, enquanto entendia a gravidade da situação. — Se quiser eu tento falar com ele, ou tenta você

mesmo ter uma conversa calma com ele. Você ainda é filho e sua orientação não vai mudar isso!

— Posso tentar de novo, não custa nada mesmo.

— É assim que se fala! — Mary pôs um sorriso no rosto enquanto falava. — E, mesmo se ele não te aceitar, tenha em mente que você deve ser feliz independentemente do que ele ache. Seja você mesmo, ok?

— Ok, muito obrigado, de verdade! — Ele sorriu acanhado, enquanto continuava andando.

Algum tempo se passou e a escola já estava perto. Alguns passos e já chegariam lá. Um breve silêncio cobria os dois, enquanto a porteira da escola, Arlete, abria os portões, deixando-os entrar. Ambos a cumprimentaram, passando em frente às salas e entrando em sua respectiva sala. Estudavam juntos.

Sentaram-se, aguardando pelo supervisor, Luís, fazer a chamada. Seria naquele momento que todos na sala de aula veriam que Mary agora possui um nome social, o que aconteceu quando seu nome chegou na lista de chamadas. Quase todos compreenderam bem e não a repudiaram, pois sempre foi uma pessoa incrível e meiga, mesmo que houvesse diversas dúvidas e alguns comentários maldosos vindos da sala. Mary tinha certeza de que isso viria, e não se importou.

Louis ainda estava no canto da sala, pensativo sobre seu pai, mas a motivação de Mary fez com que ele criasse coragem de ir falar com ele. No fim da aula, todos foram embora juntos, Mary, Louis, e mais alguns amigos que entraram em suas respectivas

casas, conforme o caminho. Mary foi com Louis até a sua porta. E se perguntava se amanhã teria uma resposta sobre a reação de seu pai. Foi para casa ela também, deitando-se na cama pela noite, esperando que amanhã seja um incrível dia com uma ótima resposta.

Nome: Hayane Martins da Silva
Professora orientadora: Cristiane Sampaio Ney
Escola: CIEP 341 Sebastião Pereira Portes

As marcas da beleza

Na cidade de Lumina, a diversidade era uma característica marcante. No entanto, nem todos compreendiam a verdadeira beleza das diferenças. Solar, uma jovem com vitiligo, e Ébano, um rapaz com melanismo, sabiam disso muito bem.

Solar sempre amou o seu nome, dado por sua mãe, por causa das manchas brancas em sua pele, que se assemelhavam a raios de sol. Desde pequena, Solar aprendeu a lidar com os olhares curiosos e as perguntas constantes sobre suas manchas. Sua mãe sempre lhe dizia: “Você carrega o sol em você, minha filha. Não deixe ninguém apagar seu brilho”.

Ébano, por outro lado, tinha uma pele de um tom tão escuro que parecia absorver a luz. Ele também enfrentava olhares e comentários, mas sua família sempre o ensinou a ver sua cor como uma força e não uma fraqueza: “Você é forte como uma árvore que lhe dá nome. Não deixe ninguém te fazer sentir menos”, seu pai dizia.

Um dia, Lumina decidiu organizar um festival para celebrar a diversidade. Solar e Ébano viram nisso uma oportunidade de mostrar à cidade a beleza que existia em suas diferenças. Eles

decidiram criar uma apresentação que explicaria suas condições de uma maneira inspiradora.

No dia do festival, Solar e Ébano subiram ao palco. Solar começou falando do vitiligo, explicando como suas manchas brancas eram uma parte de quem ela era. “Minhas manchas não são defeitos. Elas são como estrelas no céu noturno, cada uma com seu brilho único”, explicou a menina. Ébano, então, falou sobre o melanismo, destacando como sua pele escura era uma expressão natural de diversidade genética. “Minha cor é profunda e rica, como a noite. Ela é parte de mim e da história da minha família”, destacou ele.

Para finalizar, decidiram cantar uma música que haviam composto juntos, chamada “As Marcas da Beleza". A canção falava sobre autoconhecimento, respeito e a beleza das diferenças. Enquanto cantavam, a plateia se emocionava com as palavras: *“Somos as cores do mundo, cada um com seu brilho e tom, na diversidade encontramos a força que nos faz tão bons. Respeitar a si mesmo é o começo, aceitar o outro é crescer, nas marcas da nossa pele, há a beleza do ser”*.

A música e a dança eram um símbolo de como se conheciam e se respeitavam, mostrando à comunidade que a beleza verdadeira vem de dentro. Na plateia, havia um jovem chamado Alex. Ele tinha albinismo e sempre se sentiu deslocado. Sua pele extremamente clara e cabelos brancos chamavam atenção e ele frequentemente ouvia comentários cruéis, até mesmo de sua própria família. Eles diziam que nunca seria aceito e que deveria

se esconder. Alex sentiu uma nova esperança nascer dentro de si. Ele se aproximou deles ainda emocionado:

"Eu... Eu nunca me senti aceito", confessou Alex, com lágrimas nos olhos. "Minha família sempre me disse que minha aparência era uma maldição. Mas ver vocês aqui, tão seguros e orgulhosos, me fez perceber que talvez eu também possa me aceitar", disse.

Solar colocou uma mão gentil no ombro de Alex e afirmou: "Você é lindo exatamente do jeito que é. Não deixe ninguém te fazer sentir menos. Sua diferença é sua força". "A aceitação começa de dentro. Saiba que aqui você tem amigos que entendem e valorizam sua diversidade. Você é uma parte importante da beleza deste mundo", acrescentou Ébano. Alex sorriu pela primeira vez em muito tempo. Ele sabia que, a partir daquele dia, começaria a se amar e a se respeitar, seguindo o exemplo de Ébano e Solar.

A apresentação de Solar e Ébano foi recebida com aplausos entusiasmados. Muitas pessoas se aproximaram para agradecer por compartilharem suas histórias e por ajudarem a cidade a ver a verdadeira beleza da diversidade.

E, assim, Lumina se tornou um lugar onde a diversidade era vista como uma tapeçaria de cores, cada fio contribuindo para a beleza do todo. Solar, Ébano e Alex mostraram que, quando abraçamos nossas diferenças, criamos um mundo mais bonito e harmonioso.

Nome: Lia Daniel da Rocha Moreira
Professora orientadora: Margarete Melo
Escola: Colégio Estadual Desembargador
Jose Augusto Coelho Rocha Junior

Menininha

É segunda-feira. Sim, segunda-feira. *É o dia que mamãe fica até às 22h no trabalho,* ou normalmente, *O dia em que a mamãe está muito cansada e não pode me ajudar com o dever de casa*. Esses são os pensamentos de uma menina, ou melhor, uma menininha muito solitária.

Essa menina era pequenininha, magrinha, dentucinha e, de acordo com as filhas da patroa de sua mãe, "feinha", "esquisitinha" e ... "negrinha". Ela fora "carinhosamente" apelidada assim por causa de um livro que as meninas tinham de um tal Monteiro Lobato.

Mas, fora as alusões ao conto, as filhas da patroa esqueciam muitas vezes que a menininha feinha, dentucinha, magrinha, negrinha, tinha um nome. Sim, um nome. Mas para elas não era importante.

Se ao menos a menininha pudesse se encostar nas bonecas caras de porcelana nos dias em que sua mãe se via obrigada a trazê-la para o serviço. Ah, as bonecas caras. Sim, caríssimas, da porcelana mais fina, do cabelo mais fino, louras de olhos azuis. Aquelas bonecas não tinham direito a nenhum "diminutivo".

A menininha sonhava muito, mas muito mesmo, com aquelas bonecas, que eram idênticas às suas donas. Oh, puxa, como ela queria uma boneca que se parecesse com ela! De cabelos cacheadinhos, magrinha, dentucinha, com a mesma cor de pele e dos olhos. As filhas da patroa riram muito ao saber do desejo da menina, afinal bonecas como ela não venderiam.

Certo dia, cansada das provocações das meninas e dos olhares tortos, que recebia na rua ao entrar no prédio chique das pessoas mais chiques, a menininha, por fim, decidiu fazer sua própria boneca. Catou papelão, catou papel, catou papeizinhos, tudo o que podia usar para fazer a boneca. Sim, ela teria uma boneca só para ela. E assim foi feito.

Mas, ao olhar para a boneca, a menininha percebeu algo: a boneca, idêntica a ela, era linda. Ela não era feinha, nem magrinha, nem dentucinha. Era simplesmente a boneca mais linda que ela já tinha visto – e feito – e a boneca não tinha direito algum a um "diminutivo". A boneca, com sorrisos pintados de hidrocor e olhos de tampinha, tinha orgulho de si mesma.

A menininha, por fim, teve a certeza mais plena e pura, de que, assim como a boneca, ela não era dentucinha, feinha ou magrinha. Ela já não tinha vergonha de quem era, mas orgulho. Sim, muito orgulho. Orgulho em todos os seus aumentativos.

Conforme a brincadeira com a boneca se estendia, os diminutivos das filhas da patroa já não eram mais diminutivos; os olhares tortos já não eram mais tortos; e esperar a mãe numa segunda-feira era a coisa mais importante da vida da menininha.

2º ano do Ensino Médio

Nome: Larissah de Menezes Venâncio
Professora orientadora: Renata Moreira
Escola: Colégio Estadual Sargento Wolf

“Sem título”

Louise, uma brasileira vivendo em uma pequena cidade na região de Provença, na França, sempre teve uma vida confortável, apesar de sua família não pertencer à classe alta. Desde pequena, ela ansiava por explorar suas raízes brasileiras, recordando sua última visita ao Brasil na infância antes de sua família se mudar permanentemente para a França. Aos 11 anos, na encantadora cidade, a menina era bem acolhida e desfrutava de momentos memoráveis, especialmente quando sentia a brisa noturna, enquanto contemplava as estrelas pela janela de seu quarto.

Com o início da adolescência, Louise e seus colegas começaram a planejar seus futuros. Ela sempre foi confiante em seus sonhos, mas enfrentou questionamentos quando alguns desacreditaram de seus planos. As dúvidas sobre seguir suas próprias expectativas ou as dos outros começaram a surgir, deixando-a dividida entre a determinação e a incerteza. Um dia, durante uma conversa com sua orientadora na escola, ouviu um

comentário que a perturbou: — Sua força de vontade é admirável, espero que um dia você a use para algo melhor, ou real. Esse comentário gerou uma confusão interna.

Após anos de esforço, Louise finalmente conquistou a oportunidade de estudar no Brasil, onde parte de sua família ainda vivia. Apesar de realizar seu sonho, ela não estava tão esperançosa quanto antes. No novo ambiente universitário, a jovem enfrentou um grande choque cultural e a solidão. Apesar de se encantar com a cultura brasileira e finalmente encontrar pessoalmente todas as paisagens que passava horas admirando pela tela do computador, ela se sentia cada vez mais perdida. Poucas pessoas interagiam com ela; era como se passasse despercebida. Louise sentia que a culpa dessa situação estava nela ou em seus familiares, o que a impedia de se permitir aproveitar plenamente sua experiência.

Sentada na areia úmida, sentindo a pele arrepiar com a brisa da noite, seus pensamentos vagavam junto aos ventos frios que balançavam seus cabelos. Sentia-se afogada na profundidade do mar. Foi ali, depois de se sentir sufocada, que decidiu nadar e emergir das profundezas, como sempre fez em sua vida para alcançar o momento que vivia. Foi ali que se deu conta da diversidade de vidas e essências ao seu redor. Encontrou paz escolhendo a superfície em vez das profundezas, onde podia enxergar as estrelas que a acompanharam desde a infância, junto à brisa do vento.

Redescobrindo sua força e coragem, sentiu-se, pela primeira vez, em casa consigo mesma. Decidiu viver conforme sua

própria essência, deixando de lado os devaneios alheios. Então, Louise levantou-se, com um leve sorriso escapando de seu rosto. Observando, ao redor, encontrou um grupo jogando vôlei na areia e, pela primeira vez, permitiu-se fazer parte daquele momento por que tanto esperou. Enquanto jogava, compreendeu a verdadeira essência da vida que tanto desejava conhecer. Ao voltar para casa e fazer uma chamada de vídeo com sua família, Louise não sentia mais angústia nem arrependimento. Estava em paz consigo mesma.

No dia seguinte, ao sair da sala de aula, Louise se permitiu interagir com uma jovem que parecia estar com dificuldade para sair da sala, pois sua cadeira de rodas dificultava o processo de virar para o corredor mais próximo. Ela a ajudou e descobriu que seu nome é Ângela, que lhe disse que, desde que Louise chegou à universidade, sempre admirou seu estilo, porém era muito tímida para interagir de alguma forma.

Louise abriu seu coração para Ângela e elas discutiram bastante sobre suas dificuldades na universidade, o que as aproximou ainda mais. Ângela também apresentou alguns de seus colegas para Louise, mas alguns não foram muito amigáveis, o que a deixou um pouco constrangida e chateada. Porém, Louise a tranquilizou dizendo: — Está tudo bem. Nem sempre vamos caber nas expectativas das pessoas, mas, enquanto estiver em sintonia comigo mesma, sei que estarei bem. Pois, agora, entendo que pessoas são diferentes e seguem caminhos diferentes em meio à diversidade.

Nome: Ana Beatriz Fernandes de Oliveira
Professor orientador: Paulo Fernando Cardoso
Escola: Colégio Estadual Doutor Albert Sabin

Fobias de passagem

Sábado de manhã, acordei com um bilhete *post-it* grudado na minha testa que dizia: *Fui buscar o almoço, junta as suas coisas. Praia às 14h*. A letra estava rabiscada por todos os lados, quase como impressão digital.

Preferi me levantar logo, não queria ser motivo de atraso. Meu quarto estava uma bagunça, refletindo a minha mente. Tinha de tudo, desde roupas no chão até livros velhos marcados por desconhecidos. Antes de ouvir o som da chave destravando a engrenagem da porta, já havia jogado dentro da minha mochila tudo o que julgava de uso necessário quando estou na praia.

— Hoje você entra? — gritou minha mãe da cozinha.

Quando contava onze anos, estava em Praia Grande, em férias. Naquele dia, eu tinha comigo minha boneca Barbie Sereia, com a cauda e cachos roxos, e minha boia circular, pois nunca aprendi a nadar. Também tinha na cabeça o chamado ritual compulsivo, característico do Transtorno Obsessivo-Compulsivo, ou TOC, na época ainda não diagnosticado. Durante esse recesso, precisava contar até 50 para impedir que forças maiores tomassem minha mãe. E foi o que fiz nesse dia, no mar aberto, com a minha

boneca Barbie Sereia e minha boia circular a alguns metros de distância. O mar segurou-me por minutos, afogando-me antes de chegar à metade dos números. Desde então, tenho medo de entrar no mar, o que é uma lástima pra minha mãe, que superou seu transtorno de ansiedade tendo o oceano como melhor aliado. Ela sempre me levava à praia, pois sentia que o mar iria me ajudar, mesmo antes de saber sobre o meu transtorno.

— Não sei, hein, Vânia! — disse eu, indo à cozinha. Consegui notar a expressão de desaprovação da minha mãe, que desprezava os meus "Não sei" tanto quanto ser chamada pelo primeiro nome por mim.

Todo final de semana, a pedido do meu terapeuta, que achou de urgência incluir terapia de exposição no meu tratamento, íamos à praia.

— Depois que você aprendeu a falar “Não sei”, não fala outra coisa. Ela colocou os pratos e os talheres na mesa.

Sentei-me, depois de preparar o meu prato, acenei e mudei de assunto.

— Tive um sonho maluco — disse, enquanto ela comia — Mas não lembro sobre o quê.

— Sabe, acho que você não lembra porque anda muito cansada. Seria bom para você se dormisse mais cedo.

Depois de arrumar a minha mochila, olhei para ela com os olhos semicerrados, pois não queria ouvir conselhos. Marcelo, meu terapeuta, acha melhor que eu entre sozinha na água. Ele diz que preciso tomar conhecimento da natureza, do oceano. Foi o que

tentei fazer, assim que chegamos à praia. De pé em pé, concha em concha, com um frio na barriga que trazia anos de intuito, fui entrando no mar. Minha mãe só ficava a me olhar de longe, desconfortável em não poder ajudar - comportamento constante dos finais de semana.

Mas não demorou muito para que ela estivesse ao meu lado, ignorando o discurso do Marcelo, por uns minutos. Com ela segurando minha mão, consegui entrar um pouco mais, e um pouco mais, e um pouco mais...

— Isso é muito melhor, viu. Ela apertava minha mão para desviar a minha atenção.

— Assim você não fica sozinha — falava ela olhando para mim e para o mar.

— Uhum! — disse, enquanto olhava as ondas — O mar está aqui por milênios. Ele já ultrapassou diversas vidas, e também vai ultrapassar a sua. Quando eu me for, ele vai estar aqui para lhe segurar — disse ela, me olhando de canto, lendo quase todos os meus pensamentos de uma forma maternal.

— É melhor assim mesmo — disse apertando a mão dela, tomando conhecimento da natureza do ser, dos transtornos, dos erros e acertos da vida, mas, principalmente, do carinho que compartilhava com minha mãe.

Nome: Ana Clara da Silva
Professora orientadora: Adriana de Seixas
Escola: Colégio Estadual Vila Maria

A voz de Julia

Era um típico dia quente de Verão no Rio de Janeiro. Julia, uma menina de 15 anos, preparava-se para ir à escola. Ela morava com sua mãe, dona Marta, em um pequeno apartamento na Tijuca. A mãe sempre a incentivava a estudar muito para garantir um futuro brilhante.

Na escola, a menina tinha alguns amigos, porém enfrentava desafios que iam além dos estudos. Gostava muito de literatura e sonhava em ser escritora. Seu professor de Português, Seu Henrique, era uma das poucas pessoas que acreditava em seu talento.

Mas, naquela manhã, tudo parecia diferente. Julia estava ansiosa, porque haveria uma apresentação importante para a qual ela levaria suas poesias. A menina havia trabalhado duro e esperava que fosse bem recebida.

Na escola, durante o intervalo, a menina encantou seus amigos Luana e Pedro, conversando sobre a apresentação, e eles tentaram encorajá-la. Mas, havia um grupo de alunos que sempre a olhava de forma diferente. E, naquele dia, decidiram ir além dos olhares. Quando Julia se dirigia à biblioteca, para pegar seu material, foi abordada por três colegas. Eduardo, o líder do grupo,

começou a fazer comentários maldosos sobre o seu cabelo e a cor de sua pele. E disse: “Você acha mesmo que pode ser escritora, Julia? Gente como você não vai a lugar nenhum”, zombou.

Ela entrou na biblioteca com o coração triste. Sentou-se em um canto, e deixou as lágrimas caírem. Sua vontade de apresentar os poemas foi esmagada pela crueldade dos colegas. Foi, então, que o Sr. Henrique entrou e a encontrou dessa forma. Ele se sentou ao lado dela preocupado, e suavemente perguntou: “Julia, o que aconteceu?” Ela contou o que havia ocorrido e que estava sentindo-se vulnerável e derrotada. O professor, com um olhar sério, a incentivou, falando que ela era talentosa, corajosa, e que não deixasse a ignorância de algumas pessoas apagar o seu brilho. Destacou que sua voz era poderosa e que o mundo precisava ouvi-la.

Com essas palavras, a menina encontrou forças. Secou suas lágrimas e, com o apoio do professor, decidiu que iria apresentar seus poemas. Na hora da apresentação, Julia subiu ao palco com o coração acelerado, logo avistou o grupo do Eduardo debochado, porém focou na figura de sua mãe e em seus amigos que tentaram incentivá-la.

Julia respirou fundo e começou a recitar seus poemas.

As palavras fluíram e ela recitava com emoção e intensidade, falando sobre sua experiência, sua luta e sua esperança. Todos ficaram em silêncio absorvendo cada palavra. Ao terminar, viu as lágrimas caírem dos olhos de sua mãe, e o sorriso

orgulhoso no rosto de seu professor. Até os seus colegas, que sempre a ignoravam, pareciam tocados por suas palavras.

Naquele momento, Julia sentiu que tinha o poder. Mesmo que o racismo fosse uma batalha constante, ela sabia que não estava sozinha e que seu talento e determinação poderiam fazer a diferença. E, assim, essa menina foi transformada numa grande mulher tentando mudar o mundo com sua poesia e garra.

3º ano do Ensino Médio

Nome: João Felipe de Jesus Farias
Professora orientadora: Teresa Cristina Andrade
Escola: Colégio Estadual Engenheiro Passos

Um encontro inesperado

Em um reino distante, onde castelos erguiam-se majestosos sobre colinas verdejantes e o sol tingia o céu com tons dourados ao entardecer, viveu um jovem chamado Malik. Ele era um garoto negro, de espírito livre e coração generoso, cujos olhos brilhavam com sonhos de aventura e amor.

Malik cresceu em uma aldeia pacífica, em que histórias de contos de fadas eram entrelaçadas com a realidade do dia a dia. Desde cedo, ele sabia que era diferente: seus sentimentos eram ternos por príncipes encantados, não por princesas de vestidos esvoaçantes. No entanto, essa verdade era um segredo guardado com cautela, pois o reino não era conhecido por sua aceitação de amores que desafiavam as convenções.

Um dia, durante um festival vibrante que celebrava a colheita, Malik avistou um jovem príncipe de longos cabelos loiros e olhos azuis, cuja presença parecia emanar uma aura de nobreza e mistério. Era o príncipe Julian, herdeiro do trono vizinho. Seus

modos eram gentis, e seu sorriso, encantador. Malik sentiu seu coração acelerar diante daquele encontro inesperado.

Enquanto as estações passavam, Malik encontrava maneiras discretas de se aproximar de Julian, mesmo que apenas para trocar breves palavras durante os encontros formais entre os reinos. Cada gesto, cada olhar compartilhado, alimentava a chama de uma paixão que ele sabia ser proibida pelos padrões da sociedade em que viviam.

Aos poucos, o destino tecia sua trama. Durante uma festa de gala, sob os brilhantes candelabros do salão do castelo, Malik e Julian se encontraram em um jardim escondido, no qual as rosas exalavam seu perfume doce sob o luar. Em um momento de coragem, Malik confessou seus sentimentos, temendo a rejeição, mas esperando, no fundo de seu coração, que Julian visse além das diferenças que os separavam.

Para sua surpresa e alívio, Julian não recuou. Ele segurou as mãos de Malik com ternura. Seus olhos azuis refletiam uma mistura de emoções que Malik não conseguia decifrar completamente. "Eu também tenho lutado com sentimentos que não posso negar", murmurou Julian, suavemente, revelando um lado vulnerável que Malik nunca imaginara ver em um príncipe tão imponente.

Assim nasceu um amor que desafiava todas as expectativas. Malik e Julian navegaram pelas águas tumultuosas da aceitação mútua e da luta contra o preconceito. Enquanto o reino sussurrava e murmurava sobre seu romance incomum, eles encontraram força

um no outro, construindo um refúgio de entendimento e apoio em meio às pressões da realeza e das tradições arraigadas.

Ao longo dos anos, Malik e Julian aprenderam que o verdadeiro amor não conhece fronteiras de cor, raça ou gênero. Eles enfrentaram desafios juntos, celebraram triunfos e criaram um legado de coragem para as gerações futuras. Seu conto de amor, que começou entre os jardins perfumados e os salões iluminados dos castelos, tornou-se uma história de esperança e inspiração para todos os que acreditam no poder transformador do amor verdadeiro.

Nome: Lorena Santos
Nome: Jassiane Batista de Mattos
Professora orientadora: Luciane Aparecida de Souza
Escola: Colégio Estadual Professor Kopke – Três Rios

A beleza da Diversidade

Em uma fazenda quilombola, no interior de São Paulo, havia um menino negro, muito esperto e de olhos amendoados, cujo nome era José. Era o seu primeiro dia de aula em uma escola na cidade grande. Assim que o José passou pela porta de sua sala, percebeu que havia muitos colegas de sua turma que eram diferentes: uns possuíam cabelos cor de fogo, alguns tinham cabelos loiros e possuíam a pele clara, enquanto outros tinham tonalidades mais amareladas e cabelos lisos. O menino José despertou para uma curiosidade para a qual ele não tinha resposta, mas queria saber. Nesse momento, o seu Professor entrou na sala. Ele se apresentou e disse que seu nome era Marcos e que tinha formação em História e Sociologia. O menino, rapidamente, correu até a mesa do professor para perguntar e então disse:

— Professor, por que todos aqui são tão diferentes? Tem colegas que possuem cores que eu nunca vi, cabelos para os quais eu nunca olhei, olhos de diversas cores, por que nem todos somos iguais?

— Oi, José, sei que está vindo de um lugar onde todos são muito parecidos com você, mas a verdade é que você faz parte de

um país em que todos nós somos muito diferentes, pois, por fatores históricos, somos mestiços, ou seja, cada um possui uma cor, uma raça. Também temos hábitos culturais e religiões diferentes. E, apesar de termos características distintas, devemos respeitar uns aos outros. Entende agora o motivo? — indagou o professor.

José, muito satisfeito, acenou que sim e voltou para a mesa.

Certo dia, durante o recreio da escola, passou por um grupo de 3 meninos brancos, que, só de notarem a presença dele, ficaram surpresos por ele ser um garoto negro. Curiosos, foram em direção ao pequeno garoto José. Chegando perto, disseram:

— Olá, tudo bem? Somos, Caio, Gabriel e Vicente. Qual seu nome?

José empolgado respondeu:

— Tudo bem, meu nome é José.

Logo o grupo disse:

— Podemos fazer uma pergunta?

O garoto balançou a cabeça acenando que sim.

— Por que você é tão diferente de nós? — perguntou Caio.

José, sorridente, respondeu:

— Eu tive a mesma dúvida quando comecei a estudar aqui, mas, segundo o nosso professor de história, por fatores históricos, nascemos diferente, mas que, apesar de diferir, precisamos respeitar uns aos outros, pois cada um possui a sua beleza.

Os meninos ficaram surpresos com a explicação, mas acharam muito interessante. Em seguida, o sinal bateu e os meninos saíram correndo, direcionando-se cada um para as suas salas.

No decorrer da semana, dia após dia, eles procuravam conhecer pessoas diferentes, entender suas características e admirar a beleza de cada uma. Portanto, conhecer pessoas diferentes tornou-se um hábito da vida de José e dos meninos, que carregavam consigo que a beleza é algo proporcionado pela diversidade, pois cada pessoa é única e especial no mundo.

Nome: Alice Fraga de Assis Paula
Professora orientadora: Adriana Bitencourt
Escola: I.E. Eliana Duarte da Silva Breijão

Vibrações

Tive uma vida interrompida. Nasci surda numa família que não queria outra filha assim, pois já havia um irmão 10 anos mais velho com o qual eles não sabiam como lidar. Cresci me comunicando como dava, com sinais rudimentares usados em família, sem contato com muitas pessoas de fora. Minha mãe sentia vergonha e culpa porque acreditava que éramos resultado do casamento com seu primo. Talvez o parentesco fosse o motivo de nossa surdez, mas o problema era a culpa... Ela doía mais que a deficiência.

Anos depois, minha mãe descobriu uma escola, o INES, Instituto Nacional de Educação de Surdos. Havia um alojamento e eu pude ir morar lá. Foi incrível! Pela primeira vez, conheci pessoas como eu além do meu irmão! Pessoas como eu, mas também muito diferentes de mim, não apenas em suas aparências, mas nas histórias e vivências. Pessoas que, assim como eu, tinham nascido com a surdez, e outras que se tornaram surdas na infância após desenvolverem a linguagem falada. Havia também aqueles que não sabiam ou não conseguiam falar. Naquela época, o uso de LIBRAS na escola era desencorajado, pois acreditavam que precisávamos nos ajustar à sociedade.

Ali encontrei pessoas que me mostraram que eu não estava quebrada. Descobri que o que parecia impossível poderia se tornar real. E me apaixonei, vivi o amor que sempre acreditei não ser para mim e descobri que a realidade poderia ser melhor que os sonhos. Quando o conheci fui apresentada a algo totalmente novo, que nunca havia sentido antes. As batidas do meu coração foram intensificadas e os meus sorrisos multiplicados. Ele me fazia rir com suas imitações dos professores, estudava junto comigo e me ajudava com as matérias com as quais eu tinha dificuldade. Conhecia a escola como a palma de sua mão e sempre sabia os melhores lugares para nos beijarmos. Também me ensinou a dançar e, mesmo sem escutar a música, descobri que podia sentir a vibração e o ritmo. Cada dia mais, podia ver o nosso futuro se desenhar diante dos meus olhos. Íamos nos casar e formar uma família!

Mas tudo desmoronou quando precisei voltar para minha pequena cidade. Após o fim do internato, não havia como ficar no Rio de Janeiro. Antes de partir, José tentou me acalmar, disse que ele tinha um bom emprego e poderíamos nos casar e eu poderia voltar e continuar meus estudos. Fiquei aliviada e viajei cheia de esperanças. Alguns dias depois, ele chegou à minha cidade. Foi à minha casa e pediu a minha mão em casamento, me trouxe um anel e uma pulseira de ouro como presente. José sabia falar já que havia ficado surdo aos 5 anos devido a uma otite severa. Eu me lembro até hoje do movimento de seus lábios dizendo:

— Posso me casar com a sua filha?

Mas minha mãe mal deixou que terminasse.

— Como dois surdos irão viver? E os filhos? Se pessoas normais têm dificuldades, imagina...

Comecei a chorar, convulsivamente. Eu conhecia o preconceito da minha família.

Ele tentava falar:

— Fiquem tranquilos. Eu trabalho, e posso sustentá-la. Já moro sozinho e ela poderá terminar os estudos...

Eu só via o balançar negativo das cabeças.

Pela primeira vez, vi raiva em seu olhar misturada às lágrimas de decepção e tristeza. Podia ouvir seus pensamentos: "Quem não ouve não pode ser feliz?" Eu só conseguia chorar! O anel, não permitiram que ele me desse, não seria meu noivo, mas ele implorou e deixaram que eu ficasse com a pulseira. Ele foi conduzido até a porta de casa e não sei o que lhe disseram, pois não pude ver o movimento dos lábios.

Tive meu sonho interrompido, minhas asas cortadas enquanto juravam que era para o meu bem. Fiquei apenas com uma pulseira, memórias de um amor e a dança. A pulseira, uso nos casamentos dos que ouvem e podem ser felizes. Nesses momentos, eu danço e me recordo que também poderia ter sido feliz. Sempre que sinto a música vibrando em meu corpo, mesmo sem escutá-la, eu me lembro de nós e de que nem sempre dancei sozinha.

Continuo viva porque, um dia, aprendi com o meu grande amor que a vida é como música: não é sobre ouvir, é sobre sentir a vibração da melodia contagiando cada célula do meu corpo.

POESIA

Poesia é a arte da criação em versos. É sair do lugar-comum para conectar palavras que nos levem a sentidos e possibilidades que quebram a expectativa dos leitores.

A poesia grega, considerada uma das mais antigas, estabeleceu os fundamentos da poesia épica, lírica e dramática. Já a poesia italiana absorveu a influência da cultura clássica e desenvolveu uma rica tradição lírica, tendo, como máximo exemplo, a obra de Dante Alighieri.

A poesia, por muito tempo, desempenhou um papel central na preservação da memória cultural, através da narrativa oral. Com o surgimento do romance, a poesia diversificou suas funções, abrangendo temas mais subjetivos e explorando novas formas de expressão. No entanto, a tradição da poesia narrativa não se extinguiu, encontrando eco em gêneros como a literatura de cordel e em diversas manifestações poéticas contemporâneas que recuperam a oralidade e a força da palavra contada.

A poesia, ao longo da História, adaptou-se às diferentes épocas e culturas, mas a musicalidade e o ritmo sempre foram elementos essenciais. Se, por um lado, a poesia contemporânea valoriza a experimentação e a liberdade formal; por outro, ela se fundamenta nos conhecimentos tradicionais da versificação. Dominar os recursos da métrica e da rima não limita a criação poética, mas, ao contrário, amplia as possibilidades de inovação, o que permite ao poeta explorar novas combinações e construções rítmicas.

Antonio Carlos Secchin – poeta e ensaísta, professor emérito da UFRJ e imortal da Academia Brasileira de Letras – enfatiza que a eficácia da poesia não está no estilo da versificação ou no tema, mas sim na quebra de expectativa do que é ou não poético, pois o que garante o teor de poeticidade é a habilidade do autor em construir uma mecânica criativa para o lugar incomum, ou seja, para que a poesia seja o espaço da singularidade.

Firjan SESI
1º ano do Ensino Médio

Nome: Luana Felizardo Ferreira
Professor orientador: André Peralta
Escola Firjan SESI Jacarepaguá

A singularidade da pele

Nasce mais uma menina negra,
Seus olhos castanhos como florestas de outono,
Ondulações do cabelo como cachoeiras,
Lábios carnudos como nuvens que flutuam.

Seu rosto emana beleza e conforto,
Mas como prepará-la para o que virá?
Como ensiná-la a ser uma mulher negra,
Quando o racismo já machuca desde o começar?

Os primeiros golpes do preconceito
São machadadas no coração,
Nojo, medo, ódio e culpa,
Por ser quem é, pela cor da sua pele.

Com o tempo, a dor se instala,
Como lições de matemática:
A experiência ensina verdadeiramente,
Como enfrentar o racismo na prática.

Não somos culpados pela maldade alheia,
Saber disso alivia aos poucos.
Seu rosto agora reflete desamparo,

O cabelo cacheado mostra o medo constante,
Os olhos revelam o clamor da alma,
E os lábios ecoam as correntes de suas falas.

Nunca lhe ensinaram a ser mulher, tampouco negra,
Como explicar que o mundo a rejeitará,
Não importa quão talentosa, inteligente e forte seja?
Como explicar que a bucha jamais clareará sua pele?

Solidão, desinteresse, objetificação,
Comparação e julgamento,
Por algo que nem entendemos,
Apenas por sua cor, sentem nojo, medo e ódio.

Vir ao mundo como mulher negra
É nascer destinada ao sofrimento.
Cresceu sentindo repulsa pela própria imagem,
Agora compreende, não há nada de errado em ser quem é.

Seus cabelos resistem e se erguem com firmeza,
Seus olhos contam histórias de luta,
Sua voz enfrenta a violência com coragem.

O diferente não é estranho,
Apenas expressa seu modo de ser.
Caminha pelos corredores,
Onde sua pele se destaca entre os demais.

Não se sente inferior, mas orgulhosa,
Da sua beleza única, do brilho da pele,
Da plenitude dos cachos,
E sua própria singularidade.

Orgulhosa por tudo que é,
Pelo que possui e pelos desafios vencidos,
A menina negra aprende:
O racismo não irá impedir sua jornada,
E, aos poucos, será extinto.

Nome: Yorhanna Moreno dos Santos Moura
Professora orientadora: Bianca do Almo Gomes
Escola Firjan SESI Nova Friburgo

Extinção

Destruir, sumir
Quebrar as leis
Sua piada não gera risadas
Agora a nossa gente já nasce revoltada

Diz, vítima do branqueamento,
Que vive de falar tudo em baixo e bom tom
Não aguentam quando um de nós levanta a voz
E não suportam quando um de nós levanta a mão
Eles gostam do nosso silêncio
Gostam e contribuem para a nossa extinção

Eu faço parte dessa nova geração
A nova geração de pretos revolucionários
Mais frágeis do que nunca, tão carentes como antes
Histórias alteradas
São melhores que as reais
Estamos mais preocupados com os nossos opostos
do que com os nossos semelhantes

A realidade é dura e seca
Assim como se referem ao meu cabelo
Não espera idade, ou maturidade,
Ela te quebra e ainda assiste ao desespero
Nem preciso falar pelos nossos
Ensinados a odiar o que é bom
Apaixonados pelos destroços
E é só isso que nos sobra

Não é vitimização

E mesmo se fosse
Poderia, sem medo, culpar os anos de escravidão
É que ando ocupada
Ando conscientizando a população,
Tentando atrair atenções com palavras cultas

Na alfa, aprendi sobre adjetivo
Hoje, não entendo o seu real objetivo
Quer nos matar usando uma imagem falsa,
Tal qual essa que combina bem mais contigo?
Cansamos desse estereótipo
Sou jovem preto "militante" e preto com ódio
Ódio de você que nos usa como atrativo
Se você cansou de ouvir, cansamos de ser alvo vivo

Eu já fui Larissa, Asafe, Ryan
Já fui Kayo, fui Karolyne e Jeremias
E eu poderia ter sido Fernanda, alcançado Alana
Todos eles: vítimas da branquitude
Bala perdida, você encontra sem contextos
Pode não ter hora, nem bairro específico
No final, os baleados são sempre os mesmos

Era engraçado esse silêncio natural
É preciso cabeça para crer no tal normal
Estamos te ensinando o real, a vida não é mar de rosas
Se quer subir na vida, pise certo no degrau

É a última vez que digo isso
Se leu tudo, não foi desperdício
Só se esperava algo motivacional
Quero entrar na tua mente e no teu coração
E te questionar, você querendo ou não,
Diz, o que realmente você tem feito para impedir nossa extinção?

Nome: Luís Gustavo Lima de Jesus
Professora orientadora: Roberta Martins Pinheiro
Escola Firjan SESI Macaé

Mais uma família normal...

Numa família tradicional
Tem muito amor...
Mas também tem seus defeitos,
E um dos seus maiores inimigos
É o preconceito

Vovó se casou com vovô,
Homem negro de sangue,
Com marcas nas costas
De tanto tentar fugir pelo mangue,

Mas a vovó por sua vez
Tinha lá sua rigidez,
Crendo naquela cruz que ela tanto amava
E uma foto de Jesus em cima da sua cama.

Muitas vezes a vovó brigava com o vovô,
Porque ele batucava a noite toda,
E isso sempre era um pivô
Para brigas e desavenças

Então, o papai chegou,
Menino pardo, de olho escuro,
Sofreu com a escolha entre a cruz ou a flecha
E não podia ficar em cima do muro,

Então, assim ele fez:
Saiu do muro de uma só vez,
Dizendo: "Pra mim já deu!"
No final das contas, papai virou ateu

Quando papai saiu de casa
Com a mamãe se encontrou,
E, justamente, por aquela mulher indígena
Ele se apaixonou.

Depois de um tempo eu nasci,
Raiei como o sol, assim como Guaraci.
É o que a mamãe sempre me fala
Desde o dia em que a conheci.

Sou o netinho de ouro,
O perfeitinho comparado ao meu irmão.
Para minha avó,
Meu irmão é obra do cão

A mamãe e o papai aceitaram,
Mas a vovó não,
Só porque ele gosta de outros homens
Ele tem que ser arte do cão?!

Odeio quando a vovó briga com meus pais,
Vive dizendo que eles tiram sua paz
Por aceitarem meu irmão
Assim, como as coisas são.

No final das contas,
Tem de tudo na minha família,
Desde pessoas que amam sua cor,
Até os estudantes de filosofia.

Com crenças e cores diferentes,
O problema mesmo é o preconceito,
Que vem da cabeça e conduz à ponta do pé
Mais uma família normal?

2º ano do Ensino Médio

Nome: Flora Maria Dos Santos Silva
Professora orientadora: Rosane Cordeiro
Escola Firjan SESI Jacarepaguá

Ecos do infinito

Nas vielas da vida, onde o sol beija o chão,
Desfila, nas veredas da reflexão, grandes constelações
Nas danças das palavras e conceitos
Desponta a beleza de pensamentos imperfeitos
Em um mundo de possibilidades,
em que todos os horizontes se abraçam
Há quem sonhe com o mar, há quem prefira o sertão
cada mente é um universo, em sua própria dimensão
Há quem veja a vida como um doce bailar,
E quem a encare como um desafio a superar
Uns buscam a verdade, outros preferem imaginar
Mas todos têm consigo uma história
para contar e compartilhar
Há os que seguem pela estrada reta,
e os que preferem os atalhos
Há os que buscam respostas,
e os que se perdem em enigmas
Mas todos carregam consigo
um mundo de estrelas e abismos
Em cada história, há uma centelha,
em cada olhar, um brilho,
Que ilumina o caminho
para um futuro de novos sentidos
Somos feitos de sonhos,
dúvidas e questionamentos

Mas caminhamos juntos,
rumo a novos entendimentos

Nome: Nicolas Aranha Pinheiro
Professora orientadora: Natasha de Alcantara M. Marques
Escola Firjan SESI Nova Iguaçu

Ecos de uma cor: dor e resistência

No sistema, a dor, o preconceito, a rejeição
Pela cor ou pela raça, negros são alvo de ameaça
Entre tiros e estigmas, um amor distorcido
Quem dera se o erro da bala fosse menos colorido
De fuzil, ou escopeta, o alvo é sempre a pele preta
Protestos, palavras, menos discurso e mais cura
Dizem que a voz do povo é a voz de Deus
Quase como afirmar que a voz de Hitler
era a voz dos judeus
Uma luz no fim do túnel, com um toque de inveja
Sua vida foi difícil do jeito que você cresceu
Mas nunca foi perseguido pela cor com a qual nasceu
Um branco morto entre melancias,
um negro morto em sua casa na periferia
Onde o pirata navega, o marinheiro não pode velejar
O sangue no chão se desfaz, pois quem não sabe
de onde vem, não sabe para onde voltar

Nome: Mariana Marins Guinim
Professora orientadora: Ana Carolina Dos Santos Linhares
Escola Firjan SESI São Gonçalo

Em cada rosto, uma trajetória, um caminho

Diversidade que cresce em cada cantinho
Ruas vibrantes, vozes variadas
Em coro cantam, almas encantadas.

Cabelos ondulados, lisos ao vento
Misturam-se em passos, puro sentimento
De cada canto do mundo, uma porção
Tecendo a tapeçaria de um grande abraço.

Olhares que revelam segredos profundos,
Amores que rompem barreiras, mundos,
Pele que brilha, em tons diversificados,
Mostrando a beleza dos entrelaçados.

Aquela menina, com sonhos no olhar,
De uma vila distante, vem pra cá cantar,
O menino com olhos de mar profundo,
Carrega no peito histórias de um mundo.

Há quem dance ao som dos tambores,
Quem pinte o céu com mil cores,
Outros, escrevem poemas e prosas,
Retratando vidas, em pétalas e rosas.

Nas diferenças, encontramos a semelhança,
A essência humana, a esperança,
Cada cultura, um verso, uma canção,
Na sinfonia da vida, uma emoção.

Raças, gêneros, credos, escolhas,
São os matizes que a vida recolhe,

No vasto jardim da existência,
Floresce a diversidade com insistência.

Há um velho que conta histórias antigas,
De um tempo de lutas, conquistas amigas,
A jovem que sonha com um futuro novo,
Onde cada um encontre seu povo.

Histórias que se cruzam e se encontram,
Nos olhares que nunca se afrontam,
Um mosaico de vidas, em perfeita harmonia,
Celebrando a diversidade, eterna magia.

De cada dor, nasce uma força,
De cada sorriso, um sonho, uma estrela,
Em cada esquina, em cada canto,
A diversidade ecoa, em doce encanto.

Nos gestos simples, na fala branda,
Na coragem de quem não se desanda,
Histórias da diversidade, um legado,
Um hino de amor, sempre entoado.

A cada passo, uma nova descoberta,
O mundo se abre, a alma desperta,
Somos todos parte dessa história,
Tecida em diversidade, nossa glória.

3º ano do Ensino Médio

Nome: Camile Kruta Neves
Professora orientadora: Nathalie Menezes
Escola Firjan SESI Nova Iguaçu

Girassol Branco

Eu nasci assim:
Um rascunho mal desenhado
Por um artista desapontado
Todo despedaçado
Cheio de pétalas sem graça

Minha mãe diz que é presente dos céus
A verdadeira cor do calor
Do sol, da luz do dia
Se não a fosse, não o diria
Pois para mim é castigo

Não somos iguais, nem no sol,
Nem no olhar de outro girassol
Que floresceu comigo no campo
Porque os seus versos são amarelos
E os meus são todos em branco

Por que não azul, rosa, verde?
Ou amarelo como um desses
Que você vê no dia a dia?
Abandonado pelo pintor,
Eu sigo minha jornada cor de tela
Sem aquarela, nem para a lágrima mais vazia

E que tal se eu fosse um copo-de-leite?

Podia até ser só enfeite
Ou talvez uma orquídea bonita
Se forçar minha imaginação,
eu me vejo uma bela margarida

Olhar para o sol não vai ajudar
Eu nunca vou mudar,
Como eu, nunca irão nascer
Eu sigo minha jornada cor de tela,
Sem aquarela, só ouvindo
Os horrores rumores amarelos que vão dizer

Nome: Sara de Oliveira Batista
Professora orientadora: Maria Piedade Ferreira
Escola Firjan SESI Volta Redonda

SER

Sou diferente, não sou aceito,
será que vim com algum defeito?
Sou peça indesejada,
algo que veio destruído,
coisa que não se encaixa.

Mas ninguém fala nada
Ninguém manda parar
Ninguém me leva pra casa!
De fato, tudo é vazio.
Emoções guardadas,
opiniões bem trancadas,
medos revelados
e coração sempre disparado!

Sou o que você não vê
Ser humano,
ser que sente,
ser que fala,
ser que pelo menos deveria falar.
Ser que não se impõe,
ser que só se importa, mas também
ser que tenta não ligar pra coisa que dói.

Ser cansado,
ser calejado,
ser machucado,
ser desmerecido.
Ser sempre
um ser julgado.

Sou o que você não entende
Ninguém entende,
ninguém é gente como a gente,
ninguém sente como eu.
E o que sou eu? Peça indesejada.
Prefiro pensar que sou
coisa que veio quebrada.

Sou ser diferente,
ser de força e coragem aparente.
Sou ser que vai lutar pra ter fala,
ou você prefere que eu fique calada?
Sou ser que foi deixado de lado,
mas prefere pensar que é amado.

Sou ser meio perdido,
mas sou um ser que corre risco.
Sou apenas ser,
vivo pra ser e,
um dia, espero ser
o que eu sempre pensei que seria!

Nome: Hellen Paola Das Chagas
Professora orientadora: Alessandra Almeida
Escola Firjan SESI Benfica

Visão Indígena

No mar de Pindorama, uma cruz vermelha acanha.
Ela nos chama e nos encanta.
Cacique já previa, da cruz vermelha Peró e Mair descia.
O brilho das peças reluzia, encantava e iludia.

Mair arrancava tudo da raiz.
Peró disse: *agora falamos com "is"*.
Ensinaram minha gente a ser infeliz.
Não cultivo mais o que aprendi.

Eu sou o que chamaram "Brasis".
Agora, chamo Davi.
Precisei esconder Jaci.
Pra Igreja não descobrir.

Nosso canto foi calado.
Nossos deuses, ignorados.
Nossos irmãos, mortos.
E o povo, dizimado.

Aquele tempo já passou.
A consciência "voltou",
Mas, mesmo assim,
Não devolveram as terras que perdi.

E o Brasil surgiu assim:
De sangue negro e tupiniquim.
Por cima de nomes que nunca vi.
Com dor e suor daqueles que nunca quiseram estar aqui.

SEEDUC

1º ano do Ensino Médio

Nome: Markus Pietro Amaral Figueiredo
Professora orientadora: Solange Ribeiro Mesquita
Escola: Colégio Estadual João Paulo II

Tristezas crescentes

Ai do mar que se cala!
Da injustiça do homem
Que homens transportava no Atlântico
Ai do homem, ai do homem, de tão ingênuo!

Ó mar, ó mar tão gigante!
e no mar navegavam os traficantes de gente.
De outros homens elegantes,
ai do mar, ai do mar, tão escravizante!

Aqueles que vieram,
vieram e vieram aos montes,
mais, bem mais de 5 milhões,
vieram eles, vieram do distante.
Homens pretos vestidos de nada,
só as sombras da servidão,
como mercadorias vieram então,
pra alimentar a escravidão.

Ai da terra, ai da terra que vos fala

do além do mar!
De Brasil ela se chamava,
ai deles, ai deles que a fizeram,
e depois mais um pouco, depois mais vieram,
nos navios, nos navios negreiros abarrotados,
destes ditos homens,
que vieram pra ser escravizados.

Nada hoje pode mais se fazer,
só lembrar da escravidão,
do Pelourinho então,
lembrar do Sangue,
o mesmo, o mesmo sangue,
que edificou essa nação.

Mas lembrar já não basta,
hoje eu sinto essa dor,
de dor eu entendo,
de ver a dor da escravidão.

E ver, é a mancha de sangue,
que edificou a nação.
E ver, é a mancha de sangue,
que fez o Brasil então?

Nome: Humberdan Dias da Silva Junior
Professora orientadora: Maíra Alcântara Meyberg
Escola: Colégio Estadual México

Soneto de diversidade

Com a diversidade devemos ficar atentos
Sempre com muito zelo e tanto
Para que não apaguem seu encanto
Sem deixar com que mudem seus pensamentos

Mesmo que eu seja preto
Deixe-me aproveitar os momentos
E não me faça mudar os meus sentimentos
Antes de tudo, eu mereço respeito

Enquanto a exclusão não cansa de me procurar
Quem sabe antes da morte você possa refletir
Quem sabe a solidão não me mate

O preconceito ao diferente só faz destruir
Que não seja imortal e que acabe o combate
Tudo que faça a harmonia na diversidade durar.

Nome: Ryan Carlos Amorim Souza
Professora orientadora: Renata de Souza Costa
Escola: Colégio Estadual Desembargador
José Augusto Rocha Júnior

Vozes da Esperança

Vinícius Júnior, no campo a brilhar,
Dribla o racismo, mostrando o seu lugar.
Carolina Maria de Jesus, com palavras de ouro,
escreve da favela, revelando seu desgosto.
Ele com a bola.
Ela com a caneta.

Ambos lutam contra a obsoleta barreira...
O racismo, veneno que nos divide...
Mas suas fortes vozes, ninguém impede!
Num chute certeiro,
Num verso sincero,
Juntos desafiam o severo preconceito.

Vinícius e Carolina, Luzes a nos guiar,
Na luta por um mundo mais justo...
Esperança a brilhar.

2º ano do Ensino Médio

Nome: Isabelly Gomes Naegele Montechiare
Professora orientadora: Maria Amélia Serrazine
Escola: Colégio Estadual Johenir Henriques Viégas

Vidas Entrelaçadas

Entre as linhas do tempo, vozes ecoam,
Histórias de Diversidades, luzes que não se apagam.
De terras distantes, os ventos carregam
segredos e sonhos que o mundo abraçam.

Nasceram de cores, de povos, de crenças,
Raízes fundidas na teia da existência.
Cada traço, cada face, uma nova essência,
Dança de vidas, entrelaçadas na persistência.

Um velho conto de um sábio ancião,
Das florestas profundas ecoa a canção:
Unidade na diferença é a força da nação,
Diversidade, a ponte para a redenção.

Há crianças que correm em ruas distintas,
Risos que se unem em cores tão diversas.
Línguas que fluem como risos, labirintos,
Num mar de culturas, em tons indistintos.

Os tecidos vibrantes, as roupas tão belas,
Carregam histórias, memórias singelas.
De um lado o deserto, de outro as favelas,
Histórias que pulsam, onde quer que as vejas.

Mulheres e homens de todos os cantos,
Carregam no peito mil encantos.
Suas lutas e glórias, os altos prantos,
Constroem, há tempos, nossos recantos.

Há quem conte lendas de terras geladas,
Outros de praias de areias douradas.
Cada história é uma joia, alma guardada,
Miscelânia de vidas, por nós celebrada.

De mãos dadas, construímos a ponte,
Respeito e amor, horizonte a horizonte.
No diverso, encontramos a fonte,
A essência da vida, do coração o monte.

Eis que nos vemos, reflexos brilhantes,
Histórias diversas, como diamantes.
Somos um só, em cores pulsantes,
No livro da vida, somos importantes.

Entre as linhas do tempo, vozes ecoam,
Histórias de diversidades, luzes que não se apagam.
Seja qual for a origem, à qual os passos nos levam,
No abraço da vida, unidos nos elevam.

Nome: Gabriel Henrique Bonavita
Professora orientadora: Mayara Barboza Villar Brito
Escola: Colégio Estadual Professor Amazor Vieira Borges

No mar da vida

No mar da vida, ondas de cor se erguem,
Em tons de pele, um mundo se revela,
Mas, às vezes, o coração humano se enrijece,
E as cores se tornam barreira, janela estreita.

Por que temer o brilho de uma diferente aurora?
Por que calar vozes que clamam por justiça?
Na tessitura da existência, somos fios diversos,
Entrelaçados na teia do destino e da esperança.

Racismo é a sombra que turva o sol do entendimento,
É a tempestade que abala a harmonia da humanidade,
Mas a luz da empatia brilha como farol,
Guiando-nos para um mundo de igualdade e verdade.

Que nossos olhos se abram para ver além da superfície,
Que nossos passos caminhem na trilha da compaixão,
Pois só assim poderemos tecer o tecido da fraternidade,
Onde cada cor, cada voz, encontra seu lugar na canção.

Que o arco-íris da diversidade seja nosso estandarte,
E que o amor seja a tinta que colore nosso destino,
Pois, juntos, somos mais fortes e mais belos,
E é na união das diferenças que encontramos o divino.

Nome: Isabelly Vitória Santana Mesquita
Professora orientadora: Gleici Andreani
Escola: CIEP 292 – Professora Jandira Reis de Oliveira

Nossas diferenças

Vivemos em uma sociedade
Com diversas diferenças,
E é isso que torna cada ser especial.
O que seríamos sem elas, afinal?

É na diferença que encontramos
A beleza de existir,
E, juntos, contaremos histórias
Se a vida no futuro nos permitir.

Há uma menina de pele escura
Que sonha em ser astronauta
Explorar o espaço
Onde o preconceito não salta.

Um jovem de um lugar distante
Com muito amor pelo balé,
Enfrentando olhares constantes
De quem não entende sua fé.

Um surdo que dança no ar,
Sentindo a melodia em seu coração.
E mostrando ao mundo
O que é sentir a verdadeira vibração.

Uma senhora de cabelos brancos
Guardando memórias de tempos passados,
Contando histórias de encontros sinceros.
De culturas e destinos entrelaçados.

E tem aquela mãe imigrante,
Carregando dentro de si a esperança
De um futuro brilhante
Para a criança que, em seus braços, balança.

Há beleza em cada diferença.
A força em ser quem se é.
Cada pessoa com sua essência,
Trazendo consigo a persistência.

Há contos de superação e dor,
De sonhos e lutas a se conquistar.
Há pessoas que, com coragem e amor,
encontrarão seu próprio lugar.

Aceitar o próximo, o seu jeito de viver,
é um passo para a paz alcançar.
É no abraço que iremos entender
Que, no futuro, todos poderão brilhar.

3º ano do Ensino Médio

Nome: Letícia Cezario do Amor Divino
Professora orientadora: Fabiane Lourenço de Assis
Escola: CIEP 021 General Osório

A diversidade no Reino Mágico

Em um reino onde as fadas dançam ao luar,
E elfos correm livres na floresta a brincar
Havia um véu de preconceito a pairar
Que impedia a diversidade de prosperar.

As fadas de asas coloridas eram alvos de olhares
Enquanto os elfos altos sofriam em seus lares
Os seres místicos viviam segregados
Por diferenças que deveriam ser celebradas.

Mas a rainha sábia em seu trono de luz
Convocou a todos para uma reunião de cruz
E, ali, com palavras de sabedoria e amor
Ensinou que a diversidade é o maior tesouro.

As fadas e os elfos em um gesto de união
Decidiram quebrar as correntes da divisão
E, juntos, dançavam sob a lua cheia,
Celebrando a beleza da diferença alheia.

Assim, no reino mágico, o preconceito se desfez
E a diversidade floresceu com toda sua lucidez
Fadas, elfos, e seres místicos lado a lado a cantar,
Mostrando ao mundo que a felicidade está no ato de encantar.

Nome: Cecília dos Santos Rezende
Professora orientadoraa: Jaciara Ana Valeriano
Escola: Colégio Estadual Ana Neri

Detalhe

Cada um tem seu detalhe
como pedaços de retalho
que moldam as diferenças
e exibem as belezas.
Seja no nariz redondo, ou no mais fino,
no cabelo cacheado, ou no mais liso,
na pele mais clara, ou na mais escura,
e nisso tudo há uma formosura.
E, por mais que a sociedade faça doer,
Nunca se envergonhe do seu ser
Porque, no detalhe, há muito amor
E é a diferença que lhe dá todo seu esplendor.

Nome: Maria Eduarda Cardoso Ramos da Silva
Professora orientadora: Vanessa Parisi
Escola: Colégio Estadual Euclydes da Cunha

Mosaico de Vidas

Em cada canto do mundo, um eco de vozes,
Histórias entrelaçadas, cores e escolhas.
Eu vejo a beleza no simples do cotidiano,
Nos sorrisos que brilham, no amor humano.

Gente que caminha em trilhas tão distintas,
Mas que, juntas, formam um mosaico de vidas infinitas.
É como uma tapeçaria, rica e vibrante,
Cada fio, uma história, cada cor, um instante.

A minha amiga tem um nome que dança no ar,
Com um sotaque que não posso deixar de amar.
O menino que ri com um brilho diferente no olhar,
Seu jeito de ser é o que nos faz sonhar.

Histórias de diversidade não são apenas palavras,
São sentimentos, memórias e jornadas.
São a força do que é nosso, do que é peculiar,
E do que aprendemos ao nos deixar amar.

Então, ouça essas histórias com o coração aberto,
Entenda o que é viver um mundo diverso e certo.
Cada pessoa é um livro, uma página viva,
E a diversidade é o que faz a vida mais rica e ativa.

CRÔNICA

A escrita pode servir como um refúgio e uma poderosa ferramenta para explorar emoções complexas e refletir sobre situações difíceis de expressar. Ao externalizar pensamentos e sentimentos, transforma-se o caos da vida em ordem e significado, dando voz ao que, muitas vezes, fica silenciado. No entanto, a escrita não se restringe apenas ao que é complexo; o trivial também encontra seu espaço.

A partir de uma linguagem acessível e muitas vezes coloquial, a crônica transforma os eventos mais simples e banais da vida em reflexões profundas. Ao abordar temas como uma conversa escolar, uma cena no transporte público ou um gesto despretensioso, o cronista revela a beleza oculta na rotina, mostrando que até os momentos mais cotidianos têm seu valor e sentido. Essa capacidade de olhar para o comum com um olhar atento e sensível permite que o leitor se identifique e se conecte com a obra de forma imediata.

As sutilezas do dia a dia, frequentemente ignoradas, ganham uma nova dimensão quando abordadas na forma de crônica. Assim, esse gênero se torna uma ferramenta potente para discutir questões sociais, culturais e emocionais, tudo isso sem perder a leveza e o humor que caracterizam sua essência. Em um mundo tão apressado, a crônica convida o leitor a desacelerar e a valorizar o presente, redescobrindo o valor das pequenas coisas que compõem a existência.

Portanto, a escrita se revela como um espaço onde as complexidades da vida e os momentos simples se encontram. Na

crônica, encontra-se a oportunidade de desacelerar e valorizar o que por vezes passa despercebido, transformando o cotidiano em reflexões que tocam. Cada texto convida o leitor a perceber a beleza nas pequenas coisas, lembrando-nos de que, mesmo nas trivialidades, há sempre algo significativo a ser explorado.

Ruy Castro aponta que a crônica é um espaço em que se pode dar uma opinião sobre qualquer coisa ou escrever sobre qualquer coisa sem dar opinião. É um espaço em que se pode escrever sobre um assunto qualquer, sem perder a obrigação sagrada de tornar esse dizer interessante e responsável por fazer o leitor feliz por ter lido aquele texto.

FIRJAN SESI

1º ano do Ensino Médio

Nome: Mariane Mendes Rezende
Professora orientadora: Ana Carolina Serpa Alexandre
Escola Firjan SESI Três Rios

Um encontro na livraria

Numa manhã serena, a livraria "Páginas da vida", situada no coração de Lisboa, exalava uma atmosfera de tranquilidade. Clara, a dedicada proprietária, estava organizando uma nova remessa de livros quando o som suave do sino da porta chamou sua atenção.

Levantando os olhos, ela avistou um jovem com cabelos coloridos e um sorriso tímido ao entrar.

— Bom dia! Em que posso ajudar hoje? — saudou-o Clara com um sorriso acolhedor.

O jovem respondeu com um ligeiro sotaque brasileiro: — Bom dia! Estou à procura de algo sobre diversidade. Preciso de inspiração para um projeto escolar.

Clara sorriu e indicou uma estante próxima: — Temos vários livros que podem te interessar. Está à procura de algo específico?

O jovem refletiu por um momento: — Gostaria de algo que mostrasse diferentes culturas e como as pessoas podem aprender umas com as outras.

Clara pegou um livro e entregou a ele: — Este é excelente. Fala sobre a importância de compreender e respeitar as diferenças. Mas, além dos livros, muitas vezes as conversas também são fontes valiosas de aprendizado. Nesse instante, Ana, uma cliente habitual e ativista pelos direitos LGBTQIAPN+ entrou na loja.

— Oi, Clara! O que tens de novo hoje? — exclamou. Clara viu na situação uma oportunidade: — Ana, este é Lucas. Ele está à procura de inspiração sobre diversidade. Talvez você possa ajudar.

Ana sorriu para ele e disse: — Claro! Diversidade é algo que vivemos diariamente. Posso compartilhar algumas das minhas experiências, se você quiser. Lucas concordou e se mostrou interessado: — Gostaria muito, estou percebendo que aprender com as pessoas é tão importante quanto ler livros.

— Exatamente — disse Ana. — Por exemplo, quando me assumi, enfrentei muitos desafios, mas também encontrei muito apoio. Aprendi que, ser quem somos, pode inspirar outras pessoas a fazerem o mesmo.

Clara acrescentou: — E isso é o belo da diversidade, Lucas. Não se trata apenas de aceitar as diferenças, mas de celebrá-las. Cada um de nós tem algo único a oferecer.

Lucas olhou para as incríveis mulheres à sua frente, sentindo-se inspirado e agradecido: — Obrigado, Clara e Ana.

Aprendi mais hoje do que em muitos livros. A diversidade é realmente algo que se vive.

Com um sorriso, Clara disse: — E você sempre será bem-vindo aqui na "Páginas da vida". Esta livraria é um espaço de encontro e aprendizado para todos.

Enquanto Lucas saía da livraria, com um livro debaixo do braço e o coração cheio de novas ideias, sabia que o seu projeto seria mais do que uma simples tarefa escolar. Seria uma celebração da diversidade que encontrara naquele pequeno canto de Lisboa.

Nome: Stephanie Sorosini Demidoff
Professora orientadora: Suelen Coutinho Mattos
Escola Firjan SESI Benfica

Lentes da diversidade: capturando o amor e a inclusão

O relógio da sala de aula tiquetaqueia incessantemente, mas o tempo parece congelado para mim. Cada segundo parece uma eternidade. A diversidade entre os alunos me cerca: colegas de diferentes etnias, culturas, orientações sexuais e identidade de gênero. Meus olhos estão fixos no professor, mas minha mente vaga para longe, capturada por uma voz que só eu posso ouvir. É a voz dela, Aminah, a garota que faz meu coração dançar um samba desenfreado toda vez que a vejo. Sua voz, com aquele sotaque moçambicano magnífico, prende-se em minha mente, ofuscando a voz do professor que explica a matéria.

Todos os dias, nós duas – eu, uma garota ruiva, de família católica e ela, uma jovem negra, muçulmana - caminhamos juntas para a aula de fotografia. Nossas risadas ecoam pelos corredores da escola. Para ela, somos apenas amigas, companheiras de estudo. Essa amizade desafia estereótipos e preconceitos, provando que o afeto vai além de barreiras culturais e religiosas.

Click! O obturador da câmera fecha-se, capturando mais um instante. Mas não é apenas uma imagem que fica gravada na memória digital; é um manifesto silencioso pela aceitação e

inclusão. As sombras dançam na sua pele de ébano, criando contrastes que fariam qualquer artista suspirar. Seus olhos brilham com uma alegria contagiante, e eu me pergunto se ela sabe o quanto esse brilho ilumina meus dias. As cores vibrantes do hijab de Aminah contrastam com meu cabelo de tons alaranjados, criando uma composição que simboliza nossa diversidade.

Na aula, somos um mosaico de experiências. Jamal, um estudante negro cadeirante; Carlos, um rapaz gay latino; e Mei, uma garota asiática com transtorno do espectro autista. Cada um traz uma perspectiva única para nossas fotografias, enriquecendo nossa arte com suas vivências.

À noite, revendo as fotos, vejo mais que imagens. Vejo histórias de superação, de luta contra o preconceito, de busca por aceitação: a foto de Jamal capturando o mundo de sua perspectiva, o olhar orgulhoso de Carlos ao fotografar a parada LGBT, a sensibilidade de Mei ao retratar texturas que fascinam seu olhar neurodivergente.

E Aminah... Ah, Aminah. Suas fotos são poemas visuais sobre sua fé, sua cultura, e sua identidade. Cada imagem é uma janela para um mundo que muitos não compreendem, mas que ela me permite visualizar. Às vezes, imagino um mundo onde nosso amor não enfrentaria obstáculos. Um lugar em que eu poderia declarar meu amor por uma garota muçulmana sem medo de represálias ou julgamentos, onde nossa diversidade seria celebrada, não temida.

O amor na diversidade é como uma fotografia em alto contraste: realça nossas diferenças, mas também mostra como elas se complementam para criar algo belo. E assim sigo - capturando momentos e colecionando experiências -, à espera do dia em que nossa sociedade verá a beleza na diversidade tão claramente quanto eu a vejo através das lentes da minha câmera.

Por enquanto, contento-me em ser a cronista silenciosa deste grupo diverso, registrando não apenas imagens, mas esperanças de um mundo mais inclusivo e compreensivo. Cada foto é uma declaração: somos diferentes, somos únicos, e, juntos, somos extraordinários.

Nome: Giovanna de Oliveira Castilhos
Professora orientadora: Roberta Martins Pinheiro
Escola Firjan SESI Macaé

Mundos (im)possíveis

Vejo, do meu lugar, escuridão e solitude, e sempre foi assim: sou sozinha. No mundo deles, tenho a pior das formas, sou diferente, mas sei que não sou a única. Há outros diversos iguais a mim, que também são exilados.

Sinto um arrepio quando chega a aula, não tenho um ombro amigo para lamentar. Eles não são iguais a mim ou eu que não sou igual a eles, por isso vivo aqui. Mas sei que, muito longe dessa escuridão, há um mundo em que sonho em visitar, onde a todos eu posso ver e ninguém vai me julgar.

A lei onde vivo é de que tudo tem que ser semelhante. Repudiam a diferença, por isso estou distante. No mundo ideal, nada disso acontece, sou aceita por ser eu, não há problema em ser diferente. Mas, da minha carteira, este mundo parece não existir e, às vezes, me pego pensando que é coisa da minha mente imaginativa. Tenho certeza de que há a solução, a diversidade pode ser presente, basta a aceitação. Esse dia pode se tornar realidade, quando todos os gêneros, cores, formas e idades conviverão com irmandade.

E sei que esse dia vem pela educação. Aprendemos a enxergar aqueles diferenciados, e isso só tem a somar ideias e a

dividir conhecimento. Espero que, um dia, possa ser liberta da minha escuridão. Quero ser aceita não por ser igual, mas, sim, por ser original. Descobri que a escola é o espaço ideal para começar, pois, é superando os desafios, que conseguimos construir um futuro inclusivo para a sociedade.

2º ano do Ensino Médio

Nome: Maria Clara Souza Mendes dos Santos
Professora orientadora: Rosana Berg
Escola Firjan SESI Laranjeiras

Esta é a história de um pijama

Hoje é dia 15 de maio de 1944. Vários judeus serão enviados para as câmaras de gás de Auschwitz, na Polônia. Assisto cotidianamente à morte de meus irmãos judeus e de minhas irmãs judias. A crônica da morte é escrita todos os dias por aqui.

No campo, há muitas pessoas que não são aceitas pelos alemães: judeus, homossexuais, ciganos. Essas pessoas são chamadas de prisioneiras de guerra. Cada prisioneiro tem um número colado no pijama que é recebido quando chegamos ao campo. O número do meu pijama é o 442. Sou uma menina judia, tenho 12 anos, e estou no campo desde os 7 anos. Já não me lembro bem de como funcionava a vida fora do campo. Minhas memórias foram rompidas.

Nesses 5 anos, só vejo violência, humilhação e tortura. A única lembrança inesquecível que tenho do meu povo é o pijama 442, que guarda uma história de resistência. Vários judeus e judias usaram esse número em seus pijamas. Cada um com uma história

forte e comovente, porque o fato de os alemães não aceitarem conviver com a diversidade impactou a vida de muitos deles.

O povo judeu buscou incansavelmente pela liberdade de expressão. Todos foram símbolo de luta pelo fim dos campos de concentração, principalmente o de Auschwitz, que outrora havia matado milhares de inocentes.

Eu sei, com toda certeza, que o 442 foi destinado a mim. O número que me acompanha também assiste ao terror que é ser prisioneiro neste campo. Ontem, as câmaras foram ligadas e ceifaram a vida de homens, mulheres e crianças judias. Já ligaram hoje novamente. Se eu for levada, tenho de deixar o número para uma outra pessoa forte e resiliente usar. Estão vindo me buscar, vou morrer porque sou diferente do estereótipo que os alemães criaram. Que distópico e inacreditável!

442, símbolo de resistência, força, garra, potência, continua inspirando a luta por liberdade. Assim como o número do pijama vem ultrapassando barreiras através do destino, espero que cesse o preconceito.

Nome: Isabelle Aparecida Gonzaga Monteiro
Professora orientadora: Paula Simone Soares Alvarenga
Escola Firjan SESI Resende

Vislumbre do futuro ideal

Na aula de redação, Lolla abriu os olhos após o sono levá-la momentaneamente. Demorou alguns segundos para entender o que acontecia na aula: a chegada de um novo aluno. Ele era alto, cabelos escuros, um corpo normal, mas a característica física que mais chamou sua atenção foi o olhar: tão profundo e assustado. Foi, então, que percebeu que o garoto estava tremendo. E isso não era tudo. Notou também que o menino piscava sem parar, como se tivessem ciscos em seus olhos, além de emitir sons estranhos, às vezes soluços.

Lolla percebeu que o garoto estava nervoso com a apresentação, e que alguns colegas riam dele. Aquilo fez Lolla refletir sobre o quanto as pessoas do seu convívio eram mal-educadas e a falta de respeito que presenciara. Quando a professora pediu que Breno fosse se sentar, o garoto ficou perdido procurando com o olhar algum lugar disponível. Uns viravam o rosto, enquanto outros colocavam mochilas em cadeiras que estavam vagas. Essas ações a irritaram profundamente, por isso fez questão de chamá-lo para se sentar ao seu lado:

— Breno, sou Lolla. Sente-se aqui.

Os olhos do rapaz se iluminaram pela primeira vez. Ele caminhou enquanto torcia seu pescoço e se sentou.

— Pelo menos agora ele não é problema nosso. — cochicharam.

Isso a fez franzir o cenho, porém ignorou. Quando olhou para o lado, percebeu que estava sendo encarada por Breno. Isso fez com que ela pensasse na sua situação: "Seria de nascença? Piorava em situações estressantes? Qual seria o diagnóstico?" Mergulhada em seus pensamentos, ouviu a professora comentar sobre o trabalho da próxima aula, relacionado ao futuro que eles queriam. "Será que saberia a resposta para a pergunta?", pensou. Talvez estivesse perto de descobrir.

Mais tarde, a curiosidade fez com que Lolla pesquisasse sobre a condição de Breno. Descobriu que era uma síndrome chamada Tourette, relacionada ao sistema nervoso e que fazia com que o indivíduo fizesse sons ou movimentos involuntários. Pensou o quanto deveria ser difícil viver com essa síndrome. E, de repente, já tinha um tema para seu trabalho.

Sabendo que a próxima apresentação seria a sua, Lolla levantou-se e caminhou até o quadro. Sentiu que ia desmaiar, mas respirou e começou a falar.

— Bom, o meu futuro ideal é onde não exista hipocrisia ao falar de diversidade. Assim que falou, percebeu que alguns meninos imitavam o Breno e não se segurou.

— Meu Deus, parem com isso! Estou falando sobre preconceito e vocês estão sendo pessoas horríveis, não existe nada que justifique tamanho desrespeito! — disse enfurecida.

O clima ficou tenso, mas a professora não interveio. Então Lolla prosseguiu:

— É preciso que todos saibam que o Breno é portador de uma síndrome chamada Tourette. O futuro que eu quero é quando pessoas, assim como ele, sejam tratadas da forma que precisam, com respeito. Embora isso pareça básico, não é realmente colocado em prática e eu gostaria de mudar isso.

Breno a fitou com olhos marejados e sorriu enquanto soltava um leve soluço.

Nome: Ana Carolina Justen Vitoriano
Professora orientadora: Géssica Granadeiro
Escola Firjan SESI Petrópolis

Acqua

Assim que toca o sinal, eu me levanto. Pego minhas coisas e saio, com meu fone no ouvido, escutando a música mais genérica da época. Ando tranquilamente em direção à saída da escola. Ando demais, até chegar ao matagal que eu sempre vejo no caminho de ida e volta para casa. Sempre tive medo de entrar lá, mas, desta vez, crio coragem e entro. Ao adentrar, vejo uma grande piscina. Fico encantada com o que descubro: algo que era para estar sujo e abandonado estava limpo e cristalino, com os melhores nadadores que eu conhecia me chamando para nadar junto deles.

Troco minhas roupas num passo de mágica e, sem perceber, estou de maiô e touca. Entro na piscina. “Nunca me senti tão viva e livre”, penso. Meu corpo e minhas pernas em contato com a água, de temperatura agradável, me trazem uma paz imensa; até que bato em algo e, quando abro os olhos, já não estou mais na água. Percebo que dormi na sala de aula e acabo de acordar. Minha cabeça dói, parece que algo me acertou. Quando levanto a cabeça e olho para trás, vejo um menino que sempre me incomoda, rindo de mim.

Olho para o chão e leio, num papel colado no apagador: ‘aleijadinha’. Sinto meus olhos começarem a lacrimejar, e meu

coração destruído, em cacos. Começo a me desesperar. Quando dou por mim, todos ao meu redor olham em minha direção assustados, como se acabassem de ver uma assombração. Pelo que me dizem, realmente sou.

O dia acaba e minha mãe me leva para casa, tentando entender o porquê da minha insatisfação, porém estou angustiada demais para falar sobre isso com ela. Quando chego até a minha casa, as rodas da minha cadeira emperram nos pisos do chão do quintal. Começo a me desesperar novamente, até que caio da cadeira de rodas.

Só consigo chorar e chorar. Minha mãe tenta me ajudar, mas eu não quero sair de lá. Então, o menino que fez aquilo comigo chega ao meu portão, junto de sua mãe, para me pedir desculpas. Minha mãe me coloca de volta na cadeira de rodas, e o menino me dá um peixe sem uma nadadeira. Ele me diz que se eu fosse um peixe, seria igual a ele: único e o mais interessante de todos. Isso faz o meu dia.

Sentada na banheira, passo o resto do tempo que me sobra, junto do aquário do meu peixe. Passo a mão nas minhas coxas, sem conseguir achar o restante das minhas pernas. Porém, pela primeira vez, me sinto bem com o meu corpo.

3º ano do Ensino Médio

Nome: Maria Carolina Duarte de Oliveira
Professora orientadora: Roberta Campos
Escola Firjan SESI Barra Mansa

Chamada perdida

Rio de Janeiro, Barra da Tijuca, domingo, 04:47 p.m.

A *playlist* toca baixo e o vento sopra lento. A frigideira quente doura tomate cereja e queijo branco, enquanto o pão não pula da torradeira. Taça de vinho na bancada, enquanto encara a sacada aberta, árvores balançam com o barulho dos carros lá fora. Cheiro de maresia. O dia sorri e eu sorrio de volta até ser assustada pelo toque alto do telefone. Quase atropelo o amor na caminhada, deixando o gato assustado enquanto atendo, só ouvindo o silêncio:

— Alô?

— Alô eu.

— Quem é?

— Você sabe…

Penso a respeito. Tento ler o tom de voz, mas nada vem à cabeça até ser interrompida.

— Eu estou aqui, do outro lado da porta.

Silêncio. As mãos gelam. Sou teletransportada para 2021, três anos antes.

— Não estou em casa. — digo como se estivesse engasgada.

— Eu posso te ouvir, sabia?

Então, ela começa a cantarolar *The Smiths* com a voz baixa, quase um sussurro, suspiro, nostalgia...

— O que você faz aqui?

Sento no sofá como alguém que recebe uma notícia fúnebre.

— São Paulo é muito solitária sem você...

Eu me pego sorrindo sem querer, até que a sensação avassaladora volta pior do que antes.

— O Rio está cada dia mais quente — respondo seca.

— Com ou sem mim?

Silêncio. Perco o ar enquanto encaro a porta como se pudesse vê-la, bem ali. "*All Star*, calça jeans surrada e alguma blusa suja de café. O cabelo ainda estaria curto? Piercings, tatuagens, tudo do mesmo jeito que deixei?", devaneio. Só volto à terra quando ela chama pela quarta vez.

— Desculpa, não pensei que fosse sentir tanto desconforto. Risada nasal, ela nunca percebia. — Dá pra sentir pela porta.

— O que você quer? — pergunto mais uma vez. — O que mais você quer depois de três anos?

— Eu quero... eu sonho em estar com você todos os dias. Desde o primeiro olhar, o primeiro "Quer biscoito?" e a discussão sobre "É bolacha" que vem logo depois. Desde o último período de

veterinária, desde quando o amor se enrolou no seu dedo logo depois de nascer...

— Não meta amor nisso — interrompo, mas ela continua.

— O primeiro beijo na água salgada... Até o último beijo salgado de despedida na rodoviária. Sua voz falha como se chorasse. — Três anos. Ela suspira. — Sentindo sua falta todos os dias.

— Eu não gosto mais das suas mentiras.

— Por que não acredito em você?

— Porque não me conhece, nunca conheceu, nem quis conhecer. Você inventou isso. Esse amor falso é raso demais pra mim. Esse seu amor era tão... pouco, mas quando foi embora ainda me deixou um rombo no coração. Eu não sabia que perder o primeiro amor doía tanto quanto perder a perna, mas obrigada por me ensinar, você é ótima nisso! Eu me exalto. Ela fica em silêncio antes de dizer:

— Você nunca perdeu a perna pra saber.

— Eu odeio você! Seu egoísmo mareja meus olhos, era como se fosse uma garota inocente de 22 de novo. — Eu odeio você por ter destruído isso: por ter me destruído e me deixado exposta no momento em que eu precisava ser guardada na merda do seu coração! Eu me exalto ainda mais. — Você me deixou sozinha, sempre sozinha.

— Eu não queria isso, eu...

— Mas deixou! Uma menina, uma menina como eu do seu lado teria sido o cúmulo da vergonha, sinal da sua desgraça. Pobre

Jennifer, ia ser desmascarada para todo o campus. Seus papais iriam descobrir que você gosta de garotas, coitadinha! Por que não deixar essa idiota?

— Eu…

— Ser julgada por todos sozinha enquanto finjo que é tudo um mal-entendido e que eu não queria isso. Na verdade, ela é quem confundiu as coisas… — Grito enquanto ela chora, me interrompe:

— Agora eu posso, agora ninguém pode me dizer que não posso. Ela gagueja.

— Não podemos.

— Quem disse?

— Eu estou dizendo, não.

Desligo antes que ela possa falar mais alguma coisa. Escuto o "Alô? Alô?" atrás da porta. A taça de vinho desce inteira pela minha garganta agora sem nós, sem palavras, só eu. Respiro fundo enquanto escuto o farfalhar pelo corredor. Ela se vai, e eu estou de volta, direto ao meu castelo de pedra.

Nome: Rillary Gonçalves de Oliveira Souza
Professora orientadora: Rafani da Silva Calory
Escola Firjan SESI Três Rios

Além das Aparências

Desde pequena, adorava acompanhar minha mãe em seus passeios pela cidade. Ela, sempre radiante com sua pele morena e cabelos escuros e encaracolados que herdara do pai, era minha inspiração desde sempre.

Em uma tarde qualquer, estávamos andando pela cidade. Ao nosso lado, sua amiga, uma mulher negra de cabelos crespos, acompanhava nossos passos com a tranquilidade de quem compartilha uma longa amizade que vinha desde o tempo de escola. Eu, ainda pequena e observadora, segurava firme a mão da minha mãe enquanto olhava o mundo ao redor com olhos curiosos por novidades.

De repente, um homem se aproximou com um sorriso hesitante e perguntou diretamente para ela: — Boa tarde! Você conhece alguém que cuide de crianças? Tenho um filho pequeno e estou procurando uma babá para ele.

Minha mãe, surpresa, olhou para ele e depois para mim, sem perder a calma e a ternura que sempre a definiram. Minha pele, diferente da dela, era clara, e meus cabelos tão lisos que ficavam até arrepiados. Ela percebeu que aquele estranho havia feito uma associação rápida e equivocada baseada nas nossas

aparências. Sua amiga, também alvo de preconceitos, apenas observava com um olhar de quem já se acostumara com esse tipo de situação.

Ao passar dos anos, passeios como esse se tornaram tradição nossa, um momento que tínhamos entre mãe e filha. Lembro-me de muitas outras ocasiões em que pessoas nos perguntavam se éramos parentes e de suas expressões curiosas, depois que afirmávamos que éramos mãe e filha.

Anos depois, me contaram sobre esse episódio inconveniente com esse homem, que me fez pensar sobre a maneira como as pessoas costumam padronizar e julgar com base em características físicas. A suposição de que minha mãe, por ser morena, seria minha babá por conta da nossa diferença de tom de pele, é um reflexo de preconceitos enraizados e de uma visão pequena sobre a diversidade dos indivíduos. Isso não só desvaloriza suas habilidades e realizações, mas também mantém um ciclo de preconceito e desigualdade.

Essa história não apenas me ensinou sobre a importância de não julgar pelas aparências, mas também moldou minha compreensão sobre a luta contra o preconceito e a discriminação. Hoje, mais do que nunca, relembro aquele dia como um lembrete de como as diferenças devem ser celebradas e como devemos construir um futuro em que todos sejam valorizados pelo que são, para além das aparências que nos diferenciam superficialmente.

Por fim, deixo aqui minha eterna gratidão pelo amor incondicional que minha mãe sempre dedicou a mim e pela sua

capacidade de sempre enxergar o lado bom de tudo e todos e pergunto-me: quantas vezes julgamos de forma equivocada alguém com base apenas na aparência, sem entender verdadeiramente quem são e quais são suas histórias? Espero que essa reflexão toque vocês, leitores, tanto quanto tocou a mim.

Nome: Lara Sanglard Estevam
Professora orientadora: Andreia de Paula de Andrade
Escola Firjan SESI Volta Redonda

Vítimas das sombras

Em meio às cores vibrantes da bandeira brasileira, aqueles que se declaram como pardos, vivem nas sombras. Geralmente, suas histórias são ocultadas, como se não merecessem compor a sociedade mesmo que estejam presentes há séculos e tenham agregado para o cenário social contemporâneo.

Em suas vidas cotidianas, enfrentam o obstáculo da invisibilidade de muitas formas: passam por dificuldades quando vão buscar um emprego por não terem seus fenótipos reconhecidos; suas características individuais são ignoradas; suas realizações acadêmicas são diminuídas. E, nas estatísticas, são reduzidos a números, sem que suas riquezas sejam reconhecidas.

A invisibilidade dos pardos é uma questão social. Ela se manifesta nas entrelinhas, nos livros de história que não reconhecem suas contribuições, na televisão que não os retrata e, quando fazem, é de maneira estereotipada. Infelizmente, essas pessoas são figurantes dentro e fora das páginas e telas.

Entretanto, esse cenário pode ser mudado. Aqueles, que foram vítimas das sombras por tanto tempo, estão escrevendo um novo capítulo. E é através da literatura, da arte, da política e da música que ganham a luz que almejam há muito tempo. Eles se

tornam protagonistas em suas histórias, desafiando a discriminação e o preconceito.

É um caminho difícil, mas também uma oportunidade de reconhecer a pluralidade que forma a nossa nação. É uma chance de construirmos um futuro em que haja luz para todos, porque eles já se orgulham de suas heranças. E, aos poucos, o Brasil passa a enxergá-los com mais clareza.

SEEDUC

1º ano do Ensino Médio

Nome: Jonathan Lopes Magalhaes de Oliveira
Professora orientadora: Teresa Cristina Andrade
Escola: Colégio Estadual Engenheiro Passos

Café com diversidade

Era um sábado qualquer quando resolvi visitar a padaria de seu Zé, um lugar que, apesar de pequeno, parecia sempre estar cheio de vida. A padaria, com suas paredes amarelas e janelas grandes, exalava o cheiro doce de pão fresco e café acabado de coar por toda a esquina. Lá dentro, a mesma cena sempre: senhoras conversando sobre a vida, algumas crianças escolhendo seus doces e o padeiro, o seu Zé, com seu sorriso caloroso e o avental sempre sujo de farinha.

Sentei-me em uma mesa perto da janela, observando o vaivém das pessoas. Era fascinante como aquele lugar parecia ser um ponto de encontro da vizinhança, um local onde o tempo passava devagar. Pedi um café e um pão de queijo, minha combinação favorita, e comecei a ver a TV.

Em uma das mesas, alguns amigos discutiam animadamente sobre o jogo de futebol da noite anterior. Entre eles, havia o Ahmed, um estudante de intercâmbio do Egito, que falava com entusiasmo sobre a seleção de seu país. Na outra mesa, um jovem casal trocava olhares cúmplices e risadas baixas. Ela, uma brasileira, e ele, um argentino, que se conheceram durante uma festa e, desde então, não se separaram mais.

Dois meninos, um com traços asiáticos e o outro com cabelos ruivos e sardas, disputavam o último pastel de nata na vitrine, rindo e brincando como se fossem irmãos. Sua mãe, uma mulher de origem japonesa, conversava com a avó dos garotos, uma senhora de ascendência irlandesa, sobre receitas tradicionais de suas respectivas culturas. Havia dois jovens receosos de falar entre si, um alemão e uma garota negra, mas aos poucos foram quebrando as barreiras dos temores e hoje em dia são ótimos amigos.

Lembrei-me de quando era criança e ia à mesma padaria com a vovó. Naquela época, o lugar já tinha sua aura feliz. O seu Zé, ainda jovem, era quem nos atendia com a mesma simpatia de hoje. Minha avó sempre pedia um sonho recheado, que dividíamos, enquanto ela me contava histórias de sua juventude. Era um ritual nosso, e aquelas memórias aqueceram meu coração naquela manhã.

O sino da porta tocou, e um senhor entrou, apoiado em uma bengala. Era o seu Marcos, um antigo professor de geografia do bairro, conhecido por suas aulas envolventes e suas histórias de

viagens. Atrás dele, uma mulher vestida com um traje toda colorida, a dona Rani, que havia se mudado da Índia, trazia consigo doces típicos para compartilhar com todos. O seu Zé a cumprimentou com entusiasmo, e logo estavam imersos em uma conversa animada sobre as tradições culinárias de diferentes partes do mundo.

Terminei meu café e me preparei para sair, mas, antes disso, observei uma última vez aquele lugar. A padaria da esquina não era apenas um lugar para comprar pão; era um ponto de conexão, um espaço onde vidas se entrelaçavam e histórias se construíam, de várias origens. Saí de lá com a certeza de que, em meio à correria do dia a dia, precisamos de lugares como aquele, onde o tempo parece parar, e onde podemos nos sentir em casa, celebrando a diversidade que nos enriquece.

Nome: Vitória Evelyn Prado Corrêa da Silva
Professora orientadora: Morgana Silva Larotonda Caetano
Escola: CIEP329 Juan Martinho Carrasco

Diversidade de Gênero

Na realidade atual, vivia um jovem chamado Gabriel, que, desde pequeno, sabia que sua orientação sexual era diferente da maioria. Ele enfrentou desafios ao longo do caminho, como: bullying e homofobia, mas sempre encontrou apoio em amigos e familiares compreensivos.

Gabriel decidiu participar de um concurso de talentos na escola, em que planejava cantar uma música que expressasse sua autenticidade. Na apresentação, alguns colegas começaram a zombar e sussurrar comentários maldosos sobre sua orientação sexual e sua forma visível de se expressar. Logo no começo, Gabriel se sentiu desanimado, mas então se lembrou do apoio que tinha ao seu redor.

Com muita coragem, Gabriel começou a cantar e, à medida em que a música alcançava a plateia, ele via as expressões de dúvida e preconceito se transformarem em admiração e respeito. Sua voz, ecoando pela escola, transmitia uma mensagem de autoaceitação e celebração da diversidade.

No final da apresentação, muitos alunos e familiares o aplaudiram de pé, reconhecendo o direito de todos se sentirem bem consigo mesmos, cada um com a sua sexualidade e agora

aceitando Gabriel. Ele percebeu que sua voz tinha o poder de inspirar os outros a se aceitarem como são, independentemente das opiniões alheias.

Nome: Matheus Ramos da Silva Elias
Professora orientadora: Bianca Jussara Borges Clemente
Escola: Colégio Estadual Euclydes da Cunha

Negritude

Nos rostos que se cruzam nas ruas movimentadas da cidade, destaca-se a beleza da diversidade que nos envolve. Entre tantas tonalidades de pele, é na negritude que encontramos uma força ancestral que ecoa em cada passo dado.

Os cabelos crespos que desafiam a gravidade, os traços marcantes que contam histórias milenares, os olhares carregados de sabedoria e resistência. A negritude se manifesta como um lembrete constante da riqueza cultural e da pluralidade humana que nos rodeia.

Nas danças cheias de ritmo, na música que embala corações, na arte que transborda criatividade, a negritude se revela em toda a sua exuberância e vitalidade. É um convite à celebração da diferença, à valorização da identidade, e à construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Que possamos enxergar na negritude não apenas uma cor de pele, mas sim um universo de experiências, conhecimentos e emoções que enriquecem nossa existência coletiva. Que possamos honrar e celebrar a diversidade em sua plenitude, reconhecendo a importância fundamental da negritude na sociedade.

2º ano do Ensino Médio

Nome: Fellipe de Brito Carvalho Spinola
Professora orientadora: Teresa Cristina Andrade
Escola: Colégio Estadual Engenheiro Passos

Letargia e inclusão

Li as notícias hoje no jornal. Ainda na primeira página senti a fadiga me tomar. Vi mulheres gritando sem o direito da fala, molestadores louvando. Não as ouvi falar; vi pretos, ciganos, hispanohablantes, gente do mundo ficar sem lugar, sendo empurradas para a linha da miséria, hostilizadas por seus semelhantes...

Mais uma vez o mundo indo na contramão da história. Vi também, nos papéis, fotos de uma passeata: jovens coloridos caídos, censura declarada, a bandeira arco-íris vermelha em sangue. Acima de tudo, vi letargia, olvido, ressaca, séculos de luta e progresso cobertos pelo despudor que é pura e somente do normativo branco, do mesmo branco rijo, num mundo tão branco; vi Miles Davis ofuscado por Alfred Rosenberg. Vi minha gente defendendo os manicômios.

Não é certo deixar o pessimismo matar o que nos restou de esperança, e deixar que atem nossas mãos e nos façam desistir.

Levamos séculos até chegar aqui, e não é correto deixar que furtem todo o nosso progresso. Sigo nas ruas, no claro-escuro da flor que cintila, converso e ouço, aqueço, reflito — e sei que nada está perdido, não agora. Vivemos agora um mundo diferente, tempos melhores de um mundo pelo qual tantos lutaram. Se um mundo decadente não foi capaz de parar o avanço, o mundo de hoje também não será. Há um novo mundo, novas pessoas, uma nova onda de gente jovem, de sede de mudança, e não será um extremismo reacionário que irá fazer a mudança parar. A terra é grande, e a liberdade é de quem faz ela girar.

Somos o povo. Somos o negro, o coletivo, a cor, a mulher sozinha na noite, o gay velho que bebe na praça, a inclusão dos preteridos, a móvel representatividade viva dos que padeceram por seus iguais.

É por aqueles que pereceram por justiça.

Somos pessoas comuns, seres humanos, corpo e memória, pessoas comuns como o nativo que tem sua terra roubada, a cultura escarrada por quem deveria admirá-la. Somos a origem, de antes do branco... Somos pessoas comuns, como a prostituta, como o casal de mulheres que não pôde adotar, como o favelado morto com a mochila nas costas. Somos, sim, pessoas comuns, e, por pessoas comuns, a história é movida. Uma história de liberdade, de vida, em que a injustiça será — tão breve quanto o dia claro — mais uma barreira destruída pelo povo, lembrada nos livros de história como um passado ruim.

Nome: Karoline Rodrigues Figueiredo
Professora orientadora: Dulcinea Gomes de Almeida Xavier
Escola: Colégio Estadual Presidente João Goulart

Sob os plátanos do parque

Na pacata cidade, cercada por montanhas, onde o tempo fluía sereno entre os casarios antigos e a tranquilidade das paisagens verdejantes, havia um lugar ainda mais especial: o parque da cidade. Ali, sob a sombra generosa dos velhos plátanos, quatro jovens se reuniam regularmente, cada um trazendo consigo um pedaço único do mundo.

Ali, o jovem artista, de alma sensível e pincéis mágicos, nascido de pais árabes que buscaram naquelas montanhas um refúgio para seus sonhos e tradições. Suas telas eram explosões de cor, nas quais a cultura árabe se mesclava harmoniosamente com os cenários locais, pintando um retrato vibrante da diversidade que ele abraçava com cada traço.

João, o dançarino nato, herdeiro de ritmos africanos que fluíam em suas veias desde os primeiros passos de infância. Filho de imigrantes que trouxeram consigo o calor da terra mãe, ele encantava a cidade com seu grupo de dança, cujos movimentos ancestrais se encontravam com inovações contemporâneas, transformando o chão do parque em um palco de celebração cultural.

Mei Ling, a menina de sorriso tímido e olhos profundos, era a guardiã silenciosa das tradições chinesas. Filha de restauradores que, em um gesto de coragem, trocaram as vastidões da China pelos recantos acolhedores daquela cidade. Seus delicados traços de caligrafia e cerimônias do chá eram uma ode à precisão e à serenidade, uma ponte entre o antigo e o novo mundo que ela explorava com curiosidade infinita.

Sarah, a engenheira visionária, filha de uma linhagem europeia, sempre a incentivou a desvendar os mistérios da ciência. Seus experimentos ecoavam pelo pequeno laboratório da cidade, onde ela dedicava sua mente inquisitiva ao desenvolvimento de tecnologias sustentáveis para proteger as montanhas que tanto amava. Para Sarah, a ciência não era apenas um campo de estudo, mas uma forma de preservar a beleza natural que a cercava.

Juntos, esses quatro amigos compunham uma sinfonia de diversidade e harmonia. Sob os plátanos do parque, eles compartilhavam suas histórias como quem tece fios de um tapete multicultural, onde cada cor, cada nota, cada traço de pincel contribui para um quadro maior de compreensão e aceitação. Ali, nas tardes ensolaradas, ou sob o céu estrelado, eles riem, discutiam, criavam e aprendiam.

E, assim, em meio às montanhas que guardavam seus segredos, Ali, João, Mei Ling e Sarah não apenas escreviam suas próprias histórias, mas também construíam pontes invisíveis entre culturas, passados e futuros, entre o familiar e o estrangeiro. Naquele parque, a diversidade não era apenas tolerada, era

celebrada como um tesouro precioso que enriquecia suas vidas e as daqueles ao seu redor. E, enquanto o sol se punha além das montanhas, tingindo o céu com tonalidades que só um artista poderia capturar, eles sabiam que suas vozes individuais se uniam em um coro poderoso, um testemunho vivo de que, em um mundo cada vez mais complexo, a verdadeira riqueza reside na aceitação mútua e na beleza da diversidade humana.

Nome: Maria Eduarda de Oliveira Correa
Professora orientadora: Ivana Martins
Escola: C.E. Ministro José de Moura e Silva

Crônica

Quando bateu o sinal do recreio, todos saíram correndo, menos João. Ele não tinha pressa para brincar de bola, de pega-pega ou de esconde-esconde. João gostava de tudo isso como toda criança gosta, mas o que encantava mesmo o menino era viajar pelo mundo da leitura.

Cada livro que lia era uma viagem inesquecível que ficava gravada na sua memória. João sempre visitava a biblioteca da escola e se perdia no tempo com tantos livros para escolher. Quando menos esperava, o sinal tocou novamente avisando que o recreio tinha acabado, e João voltava para a sala de aula com ajuda de seus amigos e de sua cadeira de rodas.

O tempo passou, João não desistiu de continuar a sonhar e a estudar. Apesar de todas as dificuldades para chegar até a faculdade, ele se formou em Direito como seus pais queriam. Fazer boas escolhas foi importante para ele, pois embora não tenha deixado nunca de fazer o que realmente gostava, que era se dedicar à literatura, João sabia que precisava lutar para sobreviver e vencer, pois sua família não tinha muitos recursos. Mas o que realmente deixou João realizado foi o lançamento do seu primeiro livro.

Nas horas vagas, entre pilhas de processos, idas e vindas ao Fórum da cidade e reuniões com clientes, ali mesmo, na mesa desarrumada do escritório, ele abria seu notebook como uma janela para outro mundo, em que ele se colocava ora como protagonista, ora como participante de narrativas que traziam um novo olhar à realidade já vivida por ele, e que, agora, queria trazer para outros alunos que talvez estivessem passando pela mesma situação.

João ficou tão famoso como escritor que viralizou na internet. Após o sucesso de seu primeiro livro, ele continuou sua jornada, embarcando em novos gêneros literários. Escreveu sobre mundos mágicos, florestas encantadas e personagens maravilhosos. Seus livros eram maravilhosos, criativos, e os leitores se identificavam demais com as narrativas ali expostas, viajando para outros universos, através da "janela" criada por João.

Com o sucesso cada vez maior, as pessoas começaram a ficar cada vez mais curiosas sobre quem era o João, e sua história de vida. Como aquele escritor de sucesso tinha se formado e qual caminho teria percorrido para chegar ao topo? João passou a expor sua história de superação em sites e portais on-line mostrando que o fato de usar cadeira de rodas não era uma fraqueza, e sim uma parte da sua história. Ele seguiu sua vida, nunca se vitimizando, e sempre inspirando outras pessoas a sonharem cada vez mais alto.

3º ano do Ensino Médio

Nome: Rafaella Doffini Coimbra
Professora orientadora: Adriana Bitencourt
Escola: I.E. Eliana Duarte da Silva Breijão

"Quantos dedos têm aqui?"

Eu sou cega, sim, não é piada, sou cega, ou deficiente visual, se você preferir, numa linguagem mais apropriada. E não precisa ficar com pena nem nada, já nasci com a visão prejudicada e gradualmente foi piorando cada vez mais até terminar assim. Não tem nenhum acidente trágico, nenhuma história triste. "Mas como um cego consegue escrever?", perguntam. Com as mãos, óbvio, são os meus olhos que não funcionam. Está bom, sem brincadeira agora, eu falo e o celular transcreve o que estou dizendo.

Enfim, já estou fugindo do assunto. O que acontece é que me apaixonei, e parece que o amor é realmente cego. O grande problema: não sei nem o nome e nem como a moça se parece, talvez nem seja uma moça, só estou supondo.

Era manhã de uma segunda-feira (odeio segundas-feiras), e eu estava na luta para atravessar o semáforo. Paçoquinha, meu cão-guia, estava alegre e abanava o rabo que batia contra minhas

pernas. De repente, algo me derruba. Talvez uma criança atentada, talvez algum outro cão, enfim, não sei.

Eu estava lá, caída no meio da faixa de pedestres e, para piorar, a minha bengala havia caído longe de mim e eu tateava o chão para encontrá-la. Eu sentia gotas de suor se formarem em minha testa. Não sentia calor, então suava de vergonha.

— Você quer que eu te ajude?

Foi o que ouvi, aquela voz doce e gentil chamou minha atenção mais que qualquer outra coisa naquele momento, mais que as buzinas dos carros e reclamações dos motoristas impacientes.

— "Humm?"

Tudo que saiu dos meus lábios foi um murmúrio confuso. Eu me demorei em analisar se aquela linda voz estava realmente direcionada à minha pessoa, então senti uma mão vindo ao encontro da minha, nem me lembrei da minha bengala naquele instante, foi um momento mágico; amor à primeira vista, ou melhor, primeira "ouvida".

Ouvi risadas.

— Que cãozinho mais fofo! — disse a bela voz e logo ouvi as lambidas de Paçoquinha. Comecei a rir também e nem sei o porquê. Por um momento, imaginei diversos momentos alegres com aquela pessoa que eu acabara de conhecer, uma saga de amor impossível com três livros e um filme, sucesso de bilheteria.

Quando os risos da pessoa cessaram, ela me ajudou a chegar ao outro lado da rua.

— Desculpe o incômodo. — foi o que eu disse e logo recebi a resposta: — Não se preocupe, tenho que ir agora! Escutei os seus passos saindo tão rápido quanto apareceram. Fiquei parada, estática, com uma mão no peito; meu coração batia forte sem motivo aparente e meus olhos lacrimejaram.

"Jamais a encontrarei novamente…", foi o que pensei. Minha história de amor épico não teria passado de um sonho? Uma alucinação? Senti algo leve batendo em minha perna: era Paçoquinha, trazendo minha bengala que peguei sem hesitação. "Então é isso? É assim que acaba? Sem créditos, nem considerações finais?", refletiu.

Talvez eu esteja apenas sendo dramática, mas me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse dito algo diferente, se eu tivesse pedido o número dela. Eu teria uma chance? Ela me aceitaria como sou?

Nome: Luiz Gustavo Souza da Silva
Professor orientador: Rodrigo Inácio
Escola: C.E. Maria Izabel Couto Brandão

Gestos que falam

Aquele seria um dia comum para Noêmia. Ela levanta, toma o seu banho, escova os dentes e toma o delicioso café da manhã que a sua mãe sempre costuma fazer: um pão na chapa recheado com queijo minas e um copo de achocolatado. E, logo em seguida, sai rumo à escola.

Assim que deixa a casa, sua vizinha de longa data acena para Noêmia, que, gentilmente, acena de volta sem trocarem uma única palavra. A garota segue rumo à estação de metrô, o mesmo caminho de todos os dias. Paga sua passagem e corre para que conseguisse entrar no vagão que estava pronto para sair. Ela sabe que, se perdesse aquele metrô, o próximo iria demorar tempo suficiente, para que se atrasasse para escola. Ela, então, entra e senta-se rapidamente, sem nem mesmo olhar para os lados.

O metrô chega na estação seguinte e entram diversas pessoas, e, entre elas, um rosto conhecido que usa o mesmo uniforme que o seu. Assim que todos se sentam, sua conhecida se senta no banco da frente, confortando Noêmia, que agora tinha com quem conversar. Ambas começam a fazer gestos e sinais com as mãos, e sorrisos genuínos de alegria são trocados entre elas.

As pessoas ao redor olham as duas com estranheza e preconceito, o que particularmente é difícil de se entender o motivo. Talvez desconfiassem que fosse uma nova dança desses jovens tiktokers; ou o fato de Noêmia, na pressa, ter sentado no assento reservado para idosos sem perceber, deixando, assim, um casal de velhinhos separados, pois o senhorzinho de idade havia deixado sua amada sentar-se ao lado de Noêmia, ficando sem um lugar para descansar as próprias pernas; ou, talvez o mais aterrorizante ainda, essas pessoas só não sabiam o que era LIBRAS.

Nome: Carlos Eduardo Gerhein
Professora orientadora: Aline Chagas Conti
Escola: C.E. Deputado Pedro Fernandes

Realidade?

Querem saber de realidade? 17 anos de idade e ainda por cima fazendo curso de enfermagem. E mesmo que não compreenda a humanidade, curar é a minha realidade. Tenho um sonho em um verso. Uma cura, um progresso. E a virada desse verso pode-se chamar de realidade? Se quiser entrar comigo nessa dança, vou te contar que, na minha mão, há uma balança e isso quer dizer equilíbrio pra não perder o marcar do passo…. Não perca o seu marca-passo.

Por trás do jaleco, sigo como jovem que almeja mais do que alcançar o que deseja. E a pergunta persiste: "Será que consigo?", penso. Para o final deste texto, aguarde o próximo capítulo. E sobre o último parágrafo…Claro que consigo.

Tenho as terças e quintas comprometidas pelo menos 3 horas ao dia para aprender a cuidar de vidas. E, você, meu caro leitor? O que tem feito para mudar o mundo para melhor?

Este livro foi escrito com fonte Trebuchet,
tamanho 11.
Papel: Pólen Soft 90g/m²

CURADORIA

PARCERIA INSTITUCIONAL

ISBN: 978-8-56411-319-0